UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Ana Júlia Coelho Patrício

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM MUNDOS POSSÍVEIS FICCIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS GEOGRÁFICOS

Orientador: Guilherme Augusto Pereira Malta

Juiz de Fora
2026

Ana Júlia Coelho Patrício

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM MUNDOS POSSÍVEIS FICCIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS GEOGRÁFICOS

Juiz de Fora
2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Patrício, Ana Júlia Coelho.
Experiências literárias em mundos possíveis ficcionais e seus desdobramentos geográficos / Ana Júlia Coelho Patrício. -- 2026.
63 p.

Orientador: Guilherme Augusto Pereira Malta
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2026.

1. Geografia Literária. 2. Lugar Geopsíquico. 3. Mundo Possível Ficcional. 4. Lugaridade Literária. 5. Literatura de Fantasia. I. Malta, Guilherme Augusto Pereira, orient. II. Título.

Ana Júlia Coelho Patrício

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM MUNDOS POSSÍVEIS FICCIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS GEOGRÁFICOS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia na linha de pesquisa Dinâmicas Socioespaciais
Orientador: Guilherme Augusto Pereira Malta

Juiz de Fora
2026

Ana Júlia Coelho Patrício

Experiências literárias em mundos possíveis ficcionais e seus desdobramentos geográficos

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de MESTRA EM GEOGRAFIA.

Banca examinadora:

_____
Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta (Orientador)

_____
Prof. Dr. Reinaldo Onofre dos Santos (UFJF)

_____
Profa. Dra. Juliana Maddalena Trifilio Dias (UFJF)

_____
Prof. Dr. Humberto Fois Braga (UFJF)

_____
Profa. Dra. Adriana Carvalho Silva (UFRRJ)

In memoriam Walter Cesar Simões Patrício, meu amado pai.

Você escreve um livro com uma tatuagem fictícia e então a tatuagem se materializa no mundo real, e depois disso quase tudo parece ser possível. Já tinha visto cinco dessas tatuagens, mas isso não tornava o fato menos extraordinário, considerando a maneira como a ficção pode sangrar para o mundo e deixar sua marca na pele de alguém.

Mar da Tranquilidade, Emily St. John Mandel (2025, pos. 1015).

Agradecimentos

Esse trabalho é um reflexo de todas as pessoas que passaram na minha vida e me ajudaram a chegar até aqui, direta ou indiretamente, e à elas gostaria de deixar meu profundo agradecimento.

À minha família, sobretudo minha mãe, que sempre esteve do meu lado me dando palavras de encorajamento e também falando aquilo que eu precisava ouvir mesmo quando não queria. Sem você eu não conseguiria escrever uma página sequer.

Ao meu pai, que não vai conseguir ver o trabalho completo, mas que eu sei que ficaria imensamente feliz e orgulhoso.

Aos meus amigos: Giovana, Alberto, Beatriz, Luisa, Juliana e Danielle que acompanharam cada passo meu nessa jornada e ajudaram sempre que podiam, me dando força e motivação.

À mãe Andrea e todos os meus irmãos de santo, onde eu busquei forças quando achava que não tinha mais. Graças a minha mãe de santo posso estar aqui hoje concluindo mais uma etapa da minha vida e já mirando novas empreitadas. Um agradecimento especial para Malu, Márcia, Túlio e Úrsula.

À minha psicóloga, Simone, e ao meu psiquiatra, Rafael. Sem vocês cuidando de mim eu não seria ninguém hoje.

Ao meu orientador, Guilherme, que sempre foi muito paciente comigo, mesmo com a minha mania de nunca conseguir dar conta dos prazos e de deixar as coisas para última hora. Ter você confiando no meu trabalho e na minha capacidade de chegar até o final fez toda diferença.

E, por último, agradeço ao Programa de Bolsas de Pós Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PBPG/UFJF) que viabilizou a pesquisa, permitindo que eu tivesse o apoio financeiro para me dedicar ao trabalho integralmente.

Resumo

O presente trabalho se debruça no campo da geografia literária levantando reflexões acerca do papel e perspectiva do leitor que, ao entrar em contato com a literatura por meio da leitura, passa por um processo de transformação de suas formas de ver, ser e estar no mundo. A pesquisa utiliza de conceitos de mundo factual e mundo possível ficcional para dizer sobre a pluralidade de mundos que o leitor entra em contato. Na busca por tentar entender os mecanismos que permitem uma relação tão visceral com a literatura, a pesquisa trabalha com conceitos como realidade psíquica, vivência e experiência para, a partir disso, pensar em uma vivência e experiência literária.

Sob a hipótese de que o leitor, impulsionado pelo afeto desenvolvido no ato da leitura, atua como o agente ativo que possibilita a correspondência material e simbólica de elementos ficcionais no mundo factual, o trabalho delineia um caminho conceitual interdisciplinar na interface entre a ciência geográfica e a psicanálise.

Metodologicamente, a pesquisa ampara-se na perspectiva qualitativa da Geografia da Escuta, abordagem que compreende a centralidade da palavra (falada e escrita) como mediadora de registros mnêmicos e sensações espaciais.

Para a consecução dos objetivos, realizou-se o levantamento bibliográfico e a captação de dados por meio de um formulário online direcionado a clubes de leitura para coleta de relatos escritos e fotografias de acervos pessoais, culminando na realização de três entrevistas abertas que acolheram a profundidade e a espontaneidade de suas memórias subjetivas.

Teoricamente, a investigação tensiona o conceito de mundo factual, concebido como o espaço material em que vivemos, estruturado por dinâmicas externas e interpretado subjetivamente pelas dinâmicas psíquicas individuais, com o conceito de mundo possível ficcional, definido como um construto abstrato gerado pela narrativa estética que, embora autônomo, guarda pontes de referência e verossimilhança com o real.

O estudo aprofunda-se na espacialidade humana por meio do conceito-chave de lugar geopsíquico, que integra de forma indissociável as dinâmicas inconscientes e terrestres, situando-se na dobra topológica em que "o mundo externo nos invade e o mundo interno transborda" (Dias, 2022, p. 65), de modo que falar sobre o espaço representa, simultaneamente, um dizer de si.

Para descortinar os mecanismos psíquicos que sustentam essa relação visceral do leitor com a ficção, recorreu-se às noções freudianas de realidade psíquica, a dimensão do inconsciente na qual realidade material e fantasia não se distinguem, operando com fantasias que funcionam como ficções protetoras contra lembranças dolorosas, e de *Dichtung*, a criação poética por meio da palavra que confere ao universo imaginário uma verdade singular, revelando o sujeito como o *Dichter* de sua própria realidade psíquica ao reconstruir ativamente suas lembranças no plano da linguagem.

Apoiando-se no pensamento de Walter Benjamin, a dissertação diferencia a vivência literária (*Erlebnis*), correspondente à memória consciente ligada ao próprio ato da leitura e seus desdobramentos cotidianos práticos (como o consumo, conversas ou viagens), da experiência literária (*Erfahrung*), que reside no plano inconsciente dos traços mnêmicos e ocorre quando a obra literária toca a realidade psíquica do leitor de forma tão profunda que os limites do livro físico são superados.

Contrapondo-se à rigidez cartesiana do espaço extenso, adota-se o conceito de lugaridade de Eduardo Marandola Jr (2020)., pautada na emergência relacional que ocorre no "espaço-entre" do acontecer e dispensa estruturas físicas prévias para existir. Sob essa ótica, a lugaridade literária constitui a co-emergência dessa relação entre o leitor e os cenários, personagens e afetos do livro, que pode vir a se materializar no plano factual sob a forma de turismo literário, tatuagens ou memoriais espontâneos de fãs.

Por meio da análise qualitativa dos relatos de leitores, revela-se como os sujeitos ressignificam símbolos da fantasia para processar traumas, registrar marcas identitárias definitivas na pele ou mediar suas experiências e fobias de viagem

Ao fim, o trabalho planta a semente conceitual do Lugar Geopsíquico Literário, evidenciando que a leitura é uma prática espacializadora capaz de alterar de forma permanente as maneiras de ver, ser, estar e agir no espaço geográfico concreto.

Palavras-chave: Geografia Literária; Lugar Geopsíquico; Mundo Possível Ficcional; Lugaridade Literária; Literatura de Fantasia.

Abstract

The present work is situated within the field of literary geography, raising reflections on the role and perspective of the reader who, upon engaging with literature through reading, undergoes a process of transformation in their ways of seeing, being, and existing in the world. The research draws on the concepts of the factual world and the fictional possible world to address the plurality of worlds the reader comes into contact with. In seeking to understand the mechanisms that allow for such a visceral relationship with literature, the research engages with concepts such as psychic reality, lived experience (vivência), and experience (experiência) in order to conceptualize a literary lived experience and literary experience.

Under the hypothesis that the reader, driven by the affect developed in the act of reading, acts as the active agent enabling the material and symbolic correspondence of fictional elements within the factual world, the work outlines an interdisciplinary conceptual path at the interface between geographic science and psychoanalysis.

Methodologically, the research is grounded in the qualitative perspective of the Geography of Listening, an approach that understands the centrality of the word (spoken and written) as a mediator of mnemonic records and spatial sensations.

To achieve the study's objectives, a bibliographic survey was conducted along with data collection through an online questionnaire directed at reading clubs, gathering written accounts and photographs of personal collections, culminating in three open interviews that welcomed the depth and spontaneity of participants' subjective memories.

Theoretically, the investigation puts into tension the concept of the factual world, conceived as the material space we inhabit, structured by external dynamics and subjectively interpreted through individual psychic dynamics, with the concept of the fictional possible world, defined as an abstract construct generated by aesthetic narrative that, although autonomous, retains bridges of reference and verisimilitude with the real.

The study delves into human spatiality through the key concept of the geopsychic place, which inseparably integrates unconscious and terrestrial dynamics, situated at the topological fold in which "the external world invades us and the internal world overflows" (Dias, 2022, p. 65), such that speaking about space simultaneously represents a speaking of the self.

To uncover the psychic mechanisms underlying this visceral relationship between the reader and fiction, the study draws on the Freudian notions of psychic reality — the dimension of the unconscious in which material reality and fantasy are indistinguishable, operating through fantasies that function as protective fictions against painful memories — and of *Dichtung*, the poetic creation through language that grants the imaginary universe a singular truth, revealing the subject as the *Dichter* of their own psychic reality as they actively reconstruct their memories on the plane of language.

Drawing on the thought of Walter Benjamin, the dissertation distinguishes between literary lived experience (*Erlebnis*), corresponding to the conscious memory tied to the act of reading itself and its practical everyday unfoldings (such as consumption, conversations, or travel), and literary experience (*Erfahrung*), which resides on the unconscious plane of mnemonic traces and occurs when the literary work touches the reader's psychic reality so deeply that the boundaries of the physical book are surpassed.

In contrast to the Cartesian rigidity of extended space, the study adopts Eduardo Marandola Jr.'s (2020) concept of placeness (lugaridade), grounded in the relational emergence that occurs in the "in-between space" of happening, dispensing with the need for prior physical structures to exist. From this perspective, literary placeness constitutes the co-emergence of this relationship between the reader and the settings, characters, and affects of the book, which may come to materialize on the factual plane in the form of literary tourism, tattoos, or spontaneous fan memorials.

Through the qualitative analysis of readers' accounts, the study reveals how subjects re-signify symbols from fantasy to process traumas, to inscribe definitive identity marks on the skin, or to mediate their travel experiences and fears.

Ultimately, the work plants the conceptual seed of the Literary Geopsychic Place, showing that reading is a spatializing practice capable of permanently altering the ways of seeing, being, existing, and acting within concrete geographic space.

Keywords: Literary Geography; Geopsychic Place; Fictional Possible World; Literary Placeness; Fantasy Literature.

SUMÁRIO

Naquela noite, comecei a sonhar. Pois, enquanto permanecesse apenas um sonho, não poderia ser um pecado: **prefácio** 05

1. ***Era uma vez, quando a magia não se escondia dos olhos humanos como hoje…:*** **introdução** 09

1.1. Metodologia 16

2. ***Lá e de volta outra vez:*** **as relações constantes entre (mundo do) leitor e (mundo da) obra** 20

2.1. Vivências, experiências e lugaridades literárias 31

3.*"Os livros sempre me colocaram em lugares muito especiais"*: análise dos relatos e entrevistas 45

4. ***Mas foi isso o que eu vim de tão longe para achar:*** **epílogo** 57

Referências 59

ANEXO I - FORMULÁRIO 61

***Naquela noite, comecei a sonhar. Pois, enquanto permanecesse apenas um sonho, não poderia ser um pecado:* prefácio**

Uma dissertação é um trabalho acadêmico. Deve ser redigido por normas e manter um tom crível ao longo do texto. No entanto, e aqui vai a minha experiência ao longo de dois anos e meio de mestrado, também é um produto que vem ao mundo por meio da criatividade. Nem todo preparo, leitura e pesquisa do mundo consegue te fazer escrever um texto se a criatividade te abandona. Para além disso, no caso de uma pesquisa que trabalha com literatura, a criatividade se faz mais necessária ainda.

Por isso, esse trabalho que nasce, para usar os termos aqui empregados, de anos de vivência literária, contém como título e epígrafe de cada capítulo trechos literários que visam não só dialogar com o tema da pesquisa e de cada capítulo, mas como forma de extravasar a criatividade que uma pesquisa que se propõe a trabalhar com a literatura alimenta.

Este capítulo, em especial, carrega como título minha passagem favorita da literatura. Trata-se do início do segundo capítulo de *Carmilla & Laura*, da S. D. Simper, uma releitura do clássico *Carmilla* de Sheridan Le Fanu. Lembro que quando li esse trecho pela primeira vez, minha respiração ficou presa, tamanho foi o impacto que tal passagem teve em mim. Tive que ler e reler diversas vezes, e, algumas vezes, reli o livro esperando ansiosa por experienciar essa passagem mais uma vez. Não foi a primeira nem a última vez que a literatura me marcou de alguma forma, mas foi sem dúvidas a mais impactante até então.



Figura 1: a experiência de ler *Carmilla* sendo lésbica
Fonte: formulário

Por que isso é importante para a pesquisa? Se a pesquisa se interessa pelas experiências literárias das pessoas, o próprio movimento que possibilita essa pesquisa, começando pela própria autora, tem fundamental importância para o que vem a seguir.

A presente pesquisa surge não só como parte de uma trajetória acadêmica, mas também de uma trajetória de vida. Entendendo que é a vida que move a pesquisa, o gosto por romances de fantasia e ficção de uma vida encontra, na Geografia, caminho para se tornar algo mais. O encontro da vida com a pesquisa tem sua primeira grande aparição ainda na graduação, onde os primeiros passos dentro do tema foram dados por meio do Trabalho de Conclusão denominado *Geografia, Literatura, Arte e Vida: vidas em geografias e vidas em literatura que se encontram na Casa da Colina* (Patrício, 2023). Tal trabalho foi construído a partir de uma perspectiva subjetiva que se propõe a discutir como o lugar é vivido e trabalhado dentro da obra literária e como tal lugar literário envolve tanto os personagens quanto os leitores.

Como continuação e uma segunda etapa dessa trajetória já a muito iniciada e, dessa vez, trilhando caminhos um pouco diferentes, o presente trabalho intenta explorar os desdobramentos da relação estabelecida entre obra e leitor. De forma mais específica e utilizando dos conceitos a serem aqui discutidos, o trabalho surge a partir do interesse em explorar e compreender as relações que se estabelecem entre sujeito, mundo factual e mundo diegético a partir do contato com a literatura.

Para tal, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro, intitulado "*Era uma vez, quando a magia não se escondia dos olhos humanos como hoje…: introdução"* como o título já diz, trata-se de uma introdução ao tema a ser trabalhado. O capítulo investiga a intersecção entre geografia e literatura, estabelecendo as bases da pesquisa e apresenta os conceitos de mundo factual e mundo possível ficcional, juntamente com o conceito de lugar geopsíquico, como bases da pesquisa. Ao final, o capítulo tem uma seção separada para tratar da metodologia utilizada, pautada na perspectiva teórico metodológica da geografia da escuta. O título vem do livro *"O labirinto do fauno"* de Guillermo del Toro e Cornelia Funke.

O segundo capítulo, *"Lá e de volta outra vez: as relações constantes entre (mundo do) leitor e (mundo da) obra"*, faz referência ao subtítulo do livro *"O Hobbit"* de J. R. R. Tolkien e é onde aprofundamos as discussões que fundamentam a pesquisa como mundos possíveis ficcionais e realidade psíquica, o termo alemão *Dichtung*, a criação literária e o papel do leitor. O capítulo centraliza-se naquilo que constitui a base da pesquisa, tendo em vista o material a ser trabalhado a partir das entrevistas, que são os conceitos de vivência e experiência literária. Para finalizar, o capítulo traz o conceito de lugar e a forma como ele será trabalhado na pesquisa, trazendo para o debate o entendimento de lugaridade.

No terceiro capítulo, são trabalhadas as entrevistas. A intenção é ouvir das pessoas seus relatos envolvendo a literatura e trazer para o contexto da pesquisa, identificando vivências, experiências e lugaridades que emergem a partir do contato do sujeito com a obra a partir do ato da leitura. Tendo a base do capítulo 2 para receber tais experiências a partir da lente da pesquisa, buscando não uma resposta, mas relatos que em muito enriquecem a pesquisa ao poder ouvir das pessoas suas experiências literárias e como tais deixaram marcas ou não. O título vem de uma das respostas ao formulário.

O quarto capítulo tem a intenção de fechar o trabalho, mas não como um tipo de conclusão e sim uma avaliação daquilo que foi feito com aquilo que poderia vir a ser. Entendendo que, em uma pesquisa, a cada pergunta respondida outras reflexões aparecem e que, de forma alguma, este trabalho se propôs a esgotar os diálogos que emergem da intersecção entre geografia e literatura. O capítulo tem a intenção de pensar os próximos passos e meditar sobre os espaços que a pesquisa

não pode responder. O título, *“Mas foi isso o que eu vim de tão longe para achar: considerações e encaminhamentos”*, vem de outra obra que me marcou e que teve esse afeto transformado em pesquisa ainda no trabalho de conclusão de curso, como já apontado, trata-se de “A assombração da Casa da Colina” de Shirley Jackson.

1. *Era uma vez, quando a magia não se escondia dos olhos humanos como hoje…:* introdução

> *Assim uma página lentamente é virada, passada para o outro lado, acrescenta-se a outras já findas, por hora é apenas uma leve camada; as que falta ler são, em comparação, um monte inesgotável.*
>
> **O Deserto dos Tártaros**, Dino Buzzati (2011, p. 111).

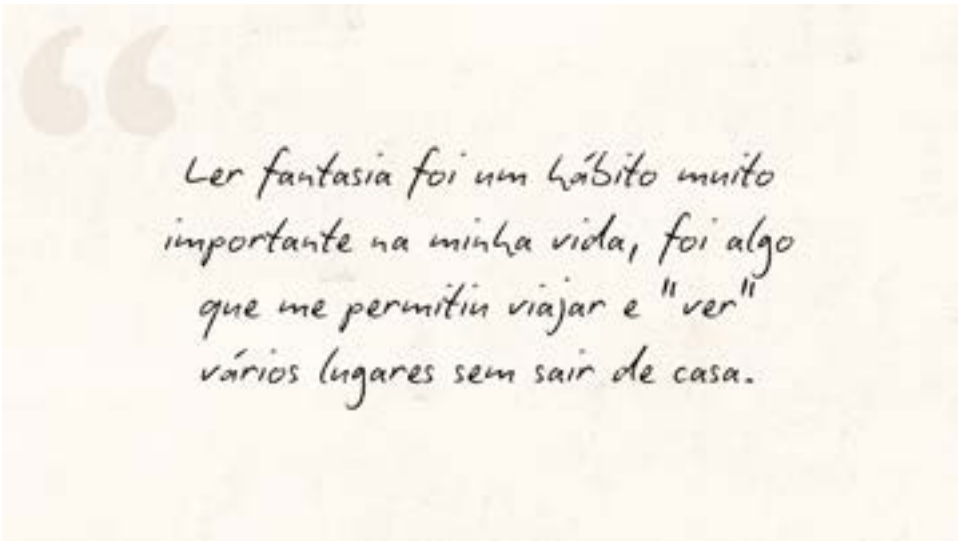


Figura 2
Fonte: formulário

A literatura não se trata apenas de um conjunto de obras, mas sim de uma força humanizadora que exprime o homem ao mesmo tempo em que atua em sua formação (Candido, 2012, p. 82) que, por sua vez, em sua relação com o espaço, atua na construção e formação do mundo. Dessa forma, é possível entender a leitura como algo que possibilita a construção e surgimento de novas visões de mundo, o que permite ao sujeito diferentes formas de ser e estar no mundo.

A literatura já é algo trabalhado na geografia, bem como em outros campos. Um exemplo comum seria seu uso na geografia escolar, onde se apresenta como um instrumento didático que ajuda na compreensão de fenômenos e dinâmicas espaciais. Até mesmo a nível de ensino superior, muitas vezes livros são utilizados como forma de ilustrar algum contexto ou processo. Tal ponto evidencia a necessidade de fortalecer cada vez mais o diálogo entre Ciências e Artes, ao

entender as potencialidades que a aproximação dessas duas áreas tão íntimas da natureza humana podem alcançar.

A pesquisa intenta ir além desse uso e trabalho que já vem sendo feito dentro do campo e explorar uma outra potencialidade que surge a partir do diálogo com a literatura. Ao ver a literatura a partir de um olhar geográfico e, considerando como a dinâmica da narrativa se desenvolve a partir de uma interação constante entre o mundo da obra e o mundo do leitor (Reis, 2018, p. 276), torna-se possível observar e questionar o mundo de outra forma. Forma essa que diz respeito não só de um indivíduo (o autor ou, principalmente, o narrador, por exemplo), mas de todo um grupo de pessoas (os leitores) que se encontram com determinada obra, desencadeando um movimento no qual dois (ou mais) pontos de vista diferentes estabelecem algum tipo de relação a partir da leitura. Há ali um tensionamento.

Com interação constante entre mundo da obra e mundo do leitor entendemos que o mundo experienciado pelo sujeito é composto não só pela realidade material e factual das coisas como também pela forma como o mesmo elabora o mundo psiquicamente, sua realidade psíquica. Dessa forma, podemos falar não só da forma como o leitor elabora o mundo a partir desse encontro, mas como nós, seres humanos, interagimos com o mundo a partir de nossa forma de encarar a realidade. Tal interação se dá não somente de forma individual mas também coletiva, entendendo que é no encontro com o outro no mundo que nossas vivências se elaboram e se transformam. Trabalharemos mais adiante o conceito de realidade psíquica.

Dentro da Geografia, trabalhar com tal temática na qual se valoriza a relação entre esses dois campos aparece como um ponto de extrema importância, já que, apesar de Geografia e Literatura possuírem formas próprias de dizer e ver o mundo, a partir de suas linguagens ambas revelam e criam outros mundos (Marandola Jr., 2009), sendo assim, é “tarefa do geógrafo lançar as redes para procurar as ilações entre essas duas linguagens” (Marandola Jr., 2009, p. 492).

Que tipo de relações se constituem a partir do vínculo entre leitor e obra e, por consequência, entre mundo factual e mundo possível ficcional e quais são seus desdobramentos e impactos geográficos? É essa a questão que movimenta a pesquisa. Tal questionamento direciona a busca por compreender a transposição de

elementos pertencentes ao mundo possível ficcional de obras de romance de fantasia para o mundo factual.

Dando prosseguimento, se faz primordial compreender o que se trabalha aqui como noções de mundo possível ficcional e mundo factual. Para a compreensão de mundo factual, partimos do entendimento de que o mundo se constituí a partir da dobra topológica onde dinâmicas externas e internas – em relação aos sujeitos – se encontram, de forma que “o mundo externo nos invade e o mundo interno transborda” (Dias, 2022, p. 65). É o mundo material em que vivemos, mas que experienciamos de forma diferente, juntamente com as dinâmicas internas, psíquicas, que são subjetivas e as dinâmicas externas, materiais, se relacionando com as diferentes realidades e condições a depender da posição social que determinado sujeito ocupa. Pode-se dizer que isso que concebemos como “mundo real” se baseia nas ações e relações entre sociedades e espaço, levando em conta também a forma como tais ações e relações são percebidas e experienciadas de forma individual. Ainda, é essencial destacar que a realidade humana é construída e experienciada de forma tanto individual quanto social, não sendo algo dado de forma natural e em condições de igualdade.

Mundo possível ficcional, por sua vez, vem do conceito de mundo possível no pensamento do filósofo G. W. Leibniz, sob orientação da metafísica, sendo entendido, de forma simples e sucinta, como “um construto abstrato, funcionando como modelo alternativo ao mundo real” (Reis, 2018, p. 274), onde a partir de tal entendimento a noção do conceito se alargou de forma interdisciplinar. A aproximação da presente ideia com o campo da ficção possibilitou diferentes formas de entender mundo ficcional, caminhando assim para o conceito de mundos possíveis ficcionais, entendido como artefatos produzidos por atividades estéticas, neste caso específico, a literatura, pensando “para além da ficção narrativa e até a ficção literária” (Reis, 2018, p. 275). É importante destacar, que todo mundo possível ficcional, em algum nível, possui referência no mundo factual. Dessa forma, é possível compreender mundos possíveis ficcionais como mundos construídos através da narrativa, existentes para além de uma correspondência total no mundo factual em que vivemos.

Ao pensar em mundos possíveis na geografia, Claudino (2023) nos diz que

> “Se a Terra traduzida em Mundo e compreendida como Espaço é o objeto principal do geógrafo, a tentativa de compreensão e projeção de outros mundos também é nossa tarefa” (p. 38).

O autor ainda contextualiza que pensar mundos possíveis é algo próprio da filosofia e da ciência, citando as construções teóricas e o planejamento como formas de elaborar perspectivas de mundo e “futurizar o encontro com o indeterminado de um outro mundo possível” (Claudino, 2023, p. 25), destacando ainda o papel da geografia na construção e interpretação de mundos através, também, do planejamento, mas dos princípios socioespaciais e fenomenológicos. O pensar sobre diferentes possibilidades de mundo, operacionalizar uma atividade concreta e a elaboração de diferentes possibilidades espaciais de mundo, por meio dos sujeitos, instituições, redes, fixos e fluxos são, segundo o autor, formas sobre como a geografia atua com mundos possíveis.

Ele ainda se vale do pensamento de Milton Santos ao entender o mundo com possibilidade e cita as *terrae incognitae* em referência a Dardel como o espaço que pertence ao futuro e que está sempre no horizonte dos geógrafos (Claudino, 2023, p. 36). Nesta pesquisa, entretanto, voltamo-nos não para um futuro, mas para o interior do sujeito e na construção de seu mundo, de sua realidade psíquica, em constante relação com o mundo factual, entendendo que “independentemente da facticidade do lugar, um mundo é construído no plano do imaginário” (Claudino, 2023, p. 40).

As obras literárias possuem um mundo diegético próprio, ou seja, possuem uma realidade própria criada através da ficção. Isso não significa dizer um mundo irreal ou inexistente, mas, sim, um outro mundo. Assim, mundo factual e mundos diegéticos podem ser entendidos como realidades distintas, com suas veracidades e verossimilhanças. Entendendo que cada gênero literário possui particularidades que impactam e afetam seus leitores de diferentes maneiras, a pesquisa busca compreender como tal relação se dá de forma específica com os leitores do gênero romance de fantasia. A escolha por tal gênero se justifica por se tratar de um texto narrativo longo, diferente de novelas, contos e fábulas já que, no caso de livros de fantasia, muitos dão maior detalhes sobre o mundo possível ficcional no qual a história se passa.

Para basear as discussões, duas referências se destacam como pontos essenciais para a construção e execução da pesquisa, sendo elas: *No ângulo dos*

mundos possíveis, de Anne Cauquelin (2011) e *Lugar Geopsíquico: onde a psicanálise e a geografia se encontram*, de Juliana Dias (2022), por se tratarem dos dois conceitos principais com os quais a pesquisa dialoga. Além disso, ao longo do trabalho, outras referências, como Walter Benjamin, Jean-Paul Sartre e Eduardo Marandola Jr., foram incorporadas como forma de expandir e enriquecer o diálogo a ser estabelecido.

O lugar geopsíquico (Dias, 2022) se apresenta nesta pesquisa como conceito chave para pensar e discutir os encontros e possibilidades entre geografia e literatura. Tal conceito compreende o ser humano não somente a partir de suas experiências no e com o mundo, mas também levando em conta seu mundo e dinâmicas psíquicas internas, entendendo que é nessa dobra topológica que considera "a espacialidade humana de forma indissociável entre as dinâmicas psíquicas e terrestres" (Dias, 2022, p. 65) que o ser humano se constitui. Assim, a pesquisa busca compreender, a partir da perspectiva do lugar geopsíquico, como ocorre a transposição de elementos e/ou representações de romances de fantasia, pertencentes a um mundo possível ficcional, rumo ao mundo factual por meio de elementos que assumem forma física e simbólica.

Entendemos aqui por representações qualquer coisa própria do mundo da obra que passe a existir também no mundo factual através dos leitores e suas relações. Tais representações podem se dar de formas físicas, como por exemplo, parques temáticos e objetos atrelados a obra, e também de forma simbólica. Como exemplo de uma representação simbólica de elementos de um mundo possível ficcional, podemos citar a homenagem prestada pelos fãs da saga Harry Potter após a morte da atriz Maggie Smith, que interpreta a professora Minerva McGonagall nos filmes. Os fãs se reuniram no parque Island of Adventure em frente ao castelo de "Hogwarts" e ergueram suas varinhas aos céus, replicando uma cena do filme[1]. Apesar de se tratar da cena do filme, é inegável o impacto do mundo possível ficcional da obra em tal gesto.

A pesquisa estuda as relações que se desdobram a partir do contato dos sujeitos leitores com romances de fantasia. A escolha por trabalhar com tal gênero

[1] Após morte de Maggie Smith, fãs de Harry Potter homenageiam atriz com varinhas em parque em Orlando. Gshow, Rio de Janeiro: 28 nov. 2024. Fonte: https://gshow.globo.com/cultura-pop/famosos/noticia/apos-morte-de-maggie-smith-fas-de-harry-potter-homenageiam-atriz-com-varinhas-em-parque-em-orlando.ghtml

literário se justifica, sobretudo, por uma preferência pessoal que gerou impactos ao longo de uma vida e que agora se encontra com os caminhos da pesquisa, conforme foi salientado no prefácio do trabalho. Não definir uma ou mais obras específicas e sim trabalhar com esse recorte mais amplo se justifica devido ao caminho metodológico adotado pela pesquisa: a geografia da escuta. Buscou-se aqui acolher a pluralidade das vivências literárias em mundos possíveis ficcionais que os leitores do gênero a serem entrevistados se sintam dispostos a compartilhar, vivências literárias essas que os atravessaram e ainda os atravessam de alguma maneira, de forma a não limitar o que pode ou não surgir e ser falado neste momento de entrevista.

Para falar sobre vivência literária dialogamos com Walter Benjamin, trabalhando com a sua definição de vivência bem como com a diferenciação entre vivência e experiência. De forma sucinta, podemos entender esses dois conceitos e sua relação entre si considerando a experiência como o conhecimento transmitido entre gerações, que se atrela fortemente à tradição e a memória inconsciente; já a vivência se apresenta como uma forma moderna da experiência, mais ligada à informação e a memória consciente (Lima; Baptista, 2013).

A proposta é explorar como a relação com o mundo literário se dá para além das páginas do livro, afetando a realidade a partir dos sujeitos e, ainda, aprofundar o entendimento sobre como tais vivências literárias se relacionam com lugares e paisagens, tanto do mundo factual quanto do mundo possível ficcional, e a forma como tais são apreendidas, interpretadas e vividas. A possibilidade de trabalhar a partir das bases da ciência geográfica com diferentes formas de ver, entender e viver o mundo, evidenciando e discutindo as mais variadas questões tanto do presente quanto do passado, e aqui, não só no nosso mundo, mas também em mundos outros, abre horizontes para o onde a geografia pode se expandir e contribuir.

Para compreender como elementos de mundos possíveis ficcionais passam a ter correspondência tanto material quanto simbólica de forma concreta no mundo, a pesquisa se concentra em três discussões principais: a relação dos leitores com mundos possíveis ficcionais; as vivências e experiências literárias desses sujeitos e como essas se desdobram em relações intrapessoais, intersociais e espaciais.



Figura 3: Prateleiras
Fonte: formulário

A pesquisa averigua a hipótese de que com o contato com romances de fantasia onde, por meio da narrativa, apresentam-se mundos outros para os leitores que, por sua vez, possibilita uma multiplicidade de vivências literárias que são apreendidas e interiorizadas pelo sujeito, apresentando assim outras formas de ver, ser e estar no mundo, ressignificando uma visão de mundo anterior. Observa-se que a relação estabelecida entre mundo factual e mundo possível ficcional se dá por intermédio do leitor a partir do ato de leitura, o que possibilita que tais vivências literárias e mundos outros afetem o leitor de forma a influenciar e impactar suas relações sociais e espaciais. Tal afeto se desdobra tanto em uma relação intrapessoal quanto intersocial, compreendendo que essas pessoas se expressam e reproduzem hábitos, pensamentos e ações que constroem o mundo ao mesmo tempo em que são construídas por ele.

É por meio dos leitores e do afeto estabelecido a partir do contato com determinada obra literária que se estabelece tal relação entre mundos, o que faz com que elementos de mundos possíveis ficcionais passem a ter correspondência e serem representados no mundo factual.

Ou seja, de forma sucinta, supomos que são os leitores os responsáveis por fazer com que elementos da obra tenham correspondência tanto material quanto simbólica no mundo factual. Isso acontece devido ao afeto desenvolvido a partir do contato com a obra e dessas vivências – e experiências, conforme veremos ao longo do trabalho – literárias de mundos possíveis ficcionais, juntamente com a apropriação do mercado. Podemos também pensar na apropriação do mercado na

forma como algumas obras, após alcançarem determinado nível de sucesso, passam a ter objetos oficiais e não oficiais (*fanmade*) dos mais diversos tipos a serem produzidos e comercializados. Além de, é claro, a criação de parques temáticos, hotéis e outras variações de hospedagem que tentam, de alguma forma, incorporar o mundo da obra dentro de tal espaço e das experiências disponíveis.

As categorias de paisagem e lugar serão trabalhadas ao compreendê-las em uma relação íntima, na qual sua materialidade e imaterialidade são indissolúveis, uma vez que “a constituição dos lugares e paisagens é determinada pelo processo histórico e permeada pelos sentidos humanos a eles dados, os quais emanam de vivências e convivências” (Nór, 2013, p. 126), de forma que ambas categorias possuem aspectos de uma construção subjetiva que vai muito além de suas características visuais e localizacionais, mas de toda uma relação subjetiva e simbólica de determinado grupo com aquele lugar, com aquela paisagem. Levando em consideração o ponto a ser investigado pela pesquisa, a paisagem “torna-se um dispositivo muito provocador desse trajeto que liga sujeito, palavra e mundo por meio do olhar” (Alves, 2013, p. 184), visto que, ao entrar em contato com o mundo apresentado na obra literária, o leitor é capaz de “ler nesta paisagem, não somente uma imagem de lugares ou imaginário de espaço” (Malta; Fois-Braga, 2021, p. 325) mas uma expressão tanto do mundo quanto da obra.

1.1. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos e a fim de investigar as relações entre mundos possíveis ficcionais e mundo factual, a pesquisa se desenvolveu a partir de um levantamento bibliográfico e de entrevistas orientadas pela perspectiva da Geografia da Escuta.

A começar pelo levantamento bibliográfico, foram trabalhados termos e conceitos que auxiliam na compreensão do papel da leitura e relações que se estabelecem a partir do contato leitor-obra, bem como a discussão a respeito dos desdobramentos provenientes de tal relação e seus impactos.

As entrevistas foram realizadas de forma remota pelo *Google Meet* e contaram com anotações feitas durante a fala do entrevistado bem como a gravação da mesma para análises posteriores e transcrições, a fim de construir a pesquisa a partir do diálogo entre as vivências e experiências literárias dos entrevistados e o

material teórico que orienta as perspectivas trabalhadas. A pesquisa trabalhou apenas com maiores de 18 anos. Entendeu-se que os relatos acrescentam profundidade às discussões e, como forma de tratá-los e trabalhá-los com mais cuidado, foram realizadas 3 entrevistas.

Como forma de recrutamento, foi elaborado um formulário (ver ANEXO I - FORMULÁRIO) visando apresentar a pesquisa e explicando como se darão as entrevistas. O formulário foi encaminhado para grupos e clubes de leitura online que focam no gênero de romance de fantasia ou ficção. No formulário, além dos espaços para identificação, perguntas acerca do gênero preferido de leitura, e o interesse em participar da entrevista, foi solicitado que os participantes enviem imagens e textos. Foram solicitadas imagens de objetos, lembranças pessoais, situações, lugares, pessoas, entre outras possibilidades que estejam associados a literatura, juntamente com um texto explicando a imagem que está sendo enviada. Um outro texto foi solicitado, dando espaço livre para que o participante fale sobre uma ou mais memórias literárias marcantes. A intenção é trabalhar não só com a palavra falada, mas também com a escrita e que, juntamente com as imagens, a junção de todas essas informações enriqueça a pesquisa e possibilite uma forma de acesso às experiências e vivências literárias de outras pessoas.



Figura 4: Lembranças e coleções
Fonte: formulário

Para a participação nas entrevistas, foram selecionados aqueles cujas respostas mais se destacarem dentro do formulário. Relatos que demonstrem vivência mais intensa com a obra e que sinalizem desdobramentos que vão além da

própria leitura, afetando aspectos da vida do sujeito, tiveram preferência para as entrevistas.

Algo tão subjetivo quanto o que seria o lugar em uma obra literária e quais vivências uma pessoa pode ter ao entrar em contato com a obra é algo difícil de ser acessado. Surge então a perspectiva teórico metodológica da Geografia da Escuta, desenvolvida pela professora Juliana Dias (2022) em sua pesquisa que deu origem ao conceito de lugar geopsíquico. Um lugar que considera tanto as dinâmicas internas quanto as externas, como é o caso do lugar geopsíquico, em muito se assemelha e aproxima dos lugares constituídos através da leitura.

Tal perspectiva utilizada nas entrevistas compreende a centralidade da palavra "como algo que nos aproxima das experiências vividas por outras pessoas" (Dias, 2022, p. 51), de forma que:

> A palavra também se apresenta como uma tentativa de verbalizar imagens, sensações, e afetos vividos em outros tempos e lugares, o que a faz mediar entre estes registros mnêmicos e o instante do dizer. A palavra produz sentido ao ser enunciada, não está presa a um significado construído *a priori* e não está fechada ao que foi vivido anteriormente. Neste encontro, nada linear, a palavra substitui e representa a memória da experiência vivida (Dias, 2022, p. 46).

Ainda, é evidenciado a importância de circunstâncias (ou criação de tal) para que a palavra possa se tornar e fazer caminho na pesquisa, não estando esta presa a entrevistas estruturadas em que se busca por respostas já esperadas, pensadas *a priori*, uma vez que, ao se deparar com uma pergunta direta, o sujeito pode responder com aquilo que supõe ser o correto a dizer, o que acaba por dirigir o encontro (Dias, 2022). Destacando, ainda, como a criação de uma circunstância que convide alguém a falar é muito diferente de alguém nos responder perguntas. Tal postura favorece um caminho no qual as surpresas podem surgir e movimentar o próprio fazer da pesquisa, a partir de "uma escuta que não é feita por alguém que procura uma resposta, mas em abertura para que as palavras possam encontrar lugar e fazer caminho" (Dias, 2022, p. 56).

Nessa perspectiva, "[...] a palavra dita une a experiência vivida, íntima e particular, ao interlocutor ou destinatário" (Dias, 2022, p. 52). Considerando, conforme evidencia o conceito de lugar geopsíquico, as dinâmicas psíquicas,

internas, tanto quanto as dinâmicas externas, dentro da base psicanalítica de onde se origina o conceito, é necessário considerar que,

> “[...] apesar da centralidade na palavra, ela não é concebida apenas conscientemente, mas, também, de modo inconsciente, portanto, sem nosso controle e deliberação sobre seu uso constantemente. Isso significa considerar que, nos vínculos que estabelecemos com os lugares, existe algo que nos acompanha, que nos faz vincular, mas não sabemos (conscientemente) o que é. Ao criarmos esses laços e narrarmos nossas experiências, existe algo que é incomunicável, não como segredo, mas como não conhecimento, como um não saber. E é sob esse aspecto que nossos mundos interno e externo se relacionam e somos constituídos” (Dias, 2022, p. 49 e 50).

Tal perspectiva nos permite nos aproximar das vivências e experiências literárias com mundos possíveis ficcionais de romances de fantasia, a fim de construir uma compreensão sobre quais são os fatores que tornam possível o surgimento de um afeto tão potente entre leitor e obra, de forma que representações e elementos presentes em uma obra de fantasia passem a existir de forma concreta no mundo.

Ao longo do período de entrevistas, os registros foram transcritos de forma a facilitar o manuseio das informações coletadas para, posteriormente, ser feito o cruzamento de tal material com a bibliografia já levantada e organizada de forma a construir a pesquisa a partir do diálogo entre as vivências literárias dos entrevistados e o material teórico que orienta as perspectivas trabalhadas. Por se tratar de um formulário no qual as principais respostas serão de cunho qualitativo e descritivo, utilizamos de imagens ao longo do trabalho com citações e com as fotografias enviadas pelas pessoas de forma a estabelecer diálogos entre o trabalho e tais vivências.

Informo, ainda, que o trabalho passou pelo processo de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP/UFJF) para poder realizar todas as etapas aqui apresentadas.

2. *Lá e de volta outra vez:* as relações constantes entre (mundo do) leitor e (mundo da) obra

> *É gozado como os seres humanos são capazes de enrolar a sua mente em volta das coisas e encaixá-las na sua versão de realidade*.
>
> **O Ladrão de Raios**, Rick Riordan (2009, p. 344).

A fim de entender os mundos possíveis ficcionais, primeiro devemos nos voltar para a origem do conceito a partir de Mundos Possíveis. Foi do pensamento do filósofo G. W. Leibniz que se originou o termo. Para ele, a partir de uma visão teológica, o mundo "real", aquele no qual vivemos, seria o "melhor dos mundo possíveis". Dessa forma, seguindo seu pensamento:

> Todos os mundos ou sistemas universais possíveis estão, portanto, no pensamento (e na sabedoria) de Deus; embora sejam absolutamente ordenados e inteligíveis, não são perfeitos, permanecendo, contudo, na condição de possíveis. A possibilidade então se enuncia como negatividade – ela designa tudo o que, não sendo o melhor, não foi escolhido por Deus (Cauquelin, 2011, p. 57).

A partir de tal entendimento, a noção do conceito foi apropriada e se alargou de forma interdisciplinar.

A aproximação da ideia de mundos possíveis com o campo da ficção possibilitou diferentes formas de entender mundo ficcional, caminhando assim para o conceito de mundos possíveis ficcionais. Entendido como artefatos produzidos por atividades estéticas, os mundos possíveis, no caso específico da literatura, são pensados "para além da ficção narrativa e até a ficção literária" (Reis, 2018, p. 275).

"A ficção é artefatual e, enquanto tal, possui suas regras, suas limitações e sua área de aplicação" (Cauquelin, 2011, p. 70). Isso atenta para a incoerência que seria simplesmente pegar elementos ficcionais e passar a tê-los como realidade concreta ou, ainda, como formas possíveis de existir na íntegra em "nosso mundo". É, ao compreender a impossibilidade da existência concreta de diversos elementos ficcionais presentes em obras do gênero de fantasia e ficção, que se origina a questão de como então tais elementos, ainda assim, passam a ter algum tipo de correspondência concreta no mundo. Ao entender que,

> [...] enquanto imagem 'expressa' num objeto real (o romance escrito, publicado e lido), a ficção pertence a vários mundos: este em que ela se enraíza e se torna coisa-desse-mundo na forma de um livro, e aqueles que ela evoca enquanto possíveis (Cauquelin, 2011, p. 71).

A literatura, portanto,

> [...] não é mais do que uma história tirada de outro mundo, de um mundo possível. Sua arte não consiste apenas em dar um corpo visível a seres invisíveis, mas também em criar, de certa forma, coisas que não possuem existência sensível, ou seja, trazê-las do estágio da possibilidade para o da realidade (Grappin, 1952 *apud* Cauquelin, 2011, p. 72).

Esses mundos possíveis ficcionais com os quais temos contato a partir da literatura são múltiplos, cada um contendo suas próprias realidades e possibilidades. Limitar esse possível à um mundo outro, fictício e do qual "[...] podemos sair a nosso bel-prazer e que parece não apresentar outro interesse senão o de distrair-nos da preocupação séria e legítima com a realidade do mundo real" (Cauquelin, 2011, p. 74) seria uma perspectiva um tanto quanto simplista ao nos aproximarmos desses mundos. É de fato uma possibilidade de encará-los, mas que não se encerra por aí.

A fim de ilustrar as formas como elementos de mundos possíveis ficcionais podem passar a ter certa correspondência em nosso mundo, em nossa realidade, trago o exemplo do caso da ressignificação da paisagem da praia de *Freshwater West* no País de Gales pelos fãs de Harry Potter. A praia foi local de gravação de uma das cenas do último filme, onde o elfo Dobby morre e na qual, devido ao fato, fãs criaram uma espécie de memorial para o elfo, onde visitam e deixam meias – na história, elfos são criaturas que prestam serviços à determinada família até que seu senhor lhe presenteie com uma peça de roupa, o que significa dar a liberdade para tal elfo. Com isso, o País de Gales emitiu um comunicado no ano de 2022 através de uma organização de conservação de patrimônio do país pedindo para que os fãs parassem de deixar meias no local, visando a preservação da paisagem e da vida marinha, evitando o que foi entendido como acúmulo de lixo no local[2].

Tendo isso em mente, o que aparece como questionamento relevante a ser feito é como tais vivências e experiências literárias com mundos possíveis ficcionais

---

[2] País de Gales pede para que fãs de Harry Potter parem de deixar meias em praia cenário da morte do elfo Dobby. O Globo, Rio de Janeiro: 04 nov. 2022. Fonte: https://oglobo.globo.com/boa-viagem/noticia/2022/11/pais-de-gales-pede-para-que-fas-de-harry-potter-parem-de-deixar-meias-em-praia-cenario-da-morte-do-elfo-dobby.ghtml

transbordam às páginas do livro e afetam, por meio de seus leitores, a realidade do mundo de forma concreta.



Figura 5: Alice no País das Maravilhas
Fonte: formulário

A categoria de lugar tem se destacado dentro dos estudos literários, pois, “independentemente da facticidade do lugar, um mundo é construído no plano do imaginário” [...], “todo um imaginário vai se cruzando com os desejos pessoais, crenças e a permanente busca de um mundo melhor” (Claudino, 2023, p. 40 e 41). É com isso que nos aproximamos do outro conceito que vem se mostrando fundamental para fazer caminho na pesquisa, o de Lugar Geopsíquico.

Tal conceito compreende o ser humano não somente a partir de suas experiências no e com o mundo, mas também levando em conta seu mundo e dinâmicas psíquicas internas, entendendo que é nessa dobra topológica que considera “a espacialidade humana de forma indissociável entre as dinâmicas psíquicas e terrestres” (Dias, 2022, p. 65) que o ser humano se constitui. Um lugar dinâmico, em constante relação entre essas diferentes esferas e tendo a linguagem como algo que as liga.

“O lugar geopsíquico é constituído nessa dobra em que o mundo externo nos invade e o mundo interno transborda. É a possibilidade de dizer sobre os lugares, sobre as experiências lugarizadas, mas ao mesmo tempo dizer de si” (Dias, 2022, p. 65). Tal fato demonstra a força da ligação entre o homem e a terra, e que perpassa por diversos fatores, sendo eles tanto externos quanto internos ao homem, nos remetendo ao que Dardel (2011) propõe ao falar sobre geograficidade.

Consideremos o conceito de geograficidade ao entender que:

> "[...] na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam caminhos para um outro mundo" (Dardel, 2011, p. 5).

Trazendo tal afirmação para o debate a respeito dos mundos possíveis ficcionais e do lugar geopsíquico, podemos começar a desenvolver algumas reflexões. O espaço geográfico, diferentemente do espaço cartesiano, não se limita à materialidade, as relações estabelecidas socialmente agem e o modificam. A imaginação se destaca como importante habilidade do ser humano pois, é justamente por meio desta, que a criação e desenvolvimento de técnicas se torna possível. O ser humano imagina antes de criar, já que é através da imaginação que é possível visualizar aquilo que pode vir a ser para, então, desenvolvê-lo em sua materialidade. É dentro desse processo que a literatura aparece não só como uma mera invenção de outro mundo ou de uma possibilidade de futuro, mas sim como uma expressão do potencial e da imaginação humana. Há, assim, a possibilidade da manifestação material concreta dessas expressões da imaginação.

É fundamental entender que as obras literárias não são fechadas em si mesmas ou no ponto de vista de seu autor. "As interpretações é que concluem o trabalho da obra, inacabada por essência [...]" (Cauquelin, 2011, p. 100), ou seja, é a partir da relação leitor-obra e dos leitores socialmente entre si e com o mundo que a obra passa a ser dotada de sentido. A literatura não é somente uma atividade criativa e intelectual, é também social. Cada leitor com o seu ponto de vista encara e percebe a obra de uma forma, recriando e transformando significados e significações, compartilhando suas interpretações, vivências e experiências literárias uns com os outros.

> Essa abertura quase infinita torna a obra de arte fluida, formando-se e deformando-se conforme o caso. A obra nunca é a mesma, ela vive pela vida daqueles que a contemplam. Com essa teoria *extensionista*, é lícito pensar que cada interpretação das obras constitui um mundo diferente inseminado, por assim dizer, pelo original. Temos aqui uma visão plural que, embora não contemple a pluralidade dos mundos, situa-se na linha de uma real abertura para a publicação, exposição, análise das propriedades da obra concreta. Em paralelo a isso, a obra não só permite, como necessariamente induz suas reproduções, ela é sempre 'alográfica'; suporta, alimenta e pede suas cópias, cada uma delas sendo, por sua vez, produtora de obras (Cauquelin, 2011, p. 100 e 101).

O exemplo da praia de *Freshwater West* ressalta o fenômeno onde, uma obra de romance de fantasia, parte de um mundo possível ficcional, consegue se manifestar de forma não somente simbólica como também física em nosso mundo, o afetando de forma a ressignificar lugares e alterar paisagens.

É a experiência do sujeito no lugar que o caracteriza como tal, tanto de forma individual quanto coletiva. Assim é a vivência e experiência literária. Ler uma obra é entrar em contato com um outro mundo, um mundo possível ficcional como já vimos. O nível e tipo de relação que se estabelece com essa obra varia, mas é inegável que, ao ler uma obra, o leitor se relaciona com aquele mundo e aquelas personagens que o são apresentados. A depender do afeto desenvolvido por essa obra, por esses locais por onde esteve e viveu durante a leitura, pode-se dizer que há uma vivência de lugar dentro do mundo da obra.

Um outro conceito importante e fundamental para pensar a relação entre sujeito, literatura e a(s) experiência(s) literária(s) dentro do trabalho é o de realidade psíquica. Partimos da premissa de que “a realidade psíquica diz respeito à dimensão inconsciente” (Pereira, 2023) e que “realidade e ficção não são distinguíveis no funcionamento inconsciente” (Martins; Vorsatz, 2018) para tentar compreender o processo no qual o afeto entre leitor e obra se estabelece de forma tão visceral em alguns dos casos, a ponto de deixar marcas na vida e nas formas de se relacionar com o mundo para algumas pessoas.

As lembranças são permeadas por uma dimensão fictícia própria do inconsciente, que atua de forma a encobrir recordações desprazerosas, assumindo assim a dupla função de manter as lembranças vivas ao mesmo tempo em que embeleza aquilo que foi vivido, evitando o ressurgimento à lembrança daquilo que causa desprazer (Martins; Vorsatz, 2018).

Freud afirma que “o mecanismo da ficção [*Dichtung*] é idêntico ao das fantasias histéricas” (FREUD *apud* MASSON, 1986, p. 252). Tal afirmação nos leva a pensar a realidade psíquica e destaca, por meio do significado de *Dichtung,* a influência do processo criativo literário e da própria literatura no pensamento freudiano.

A palavra *Dichtung* pode ser traduzida, dentro de um contexto literário, como uma criação através das palavras. Veremos mais adiante como isso se atrela

justamente à entrada da linguagem no sistema mnêmico. Não deve ser confundido com literatura, poesia ou ficção pois a língua alemã também possui todos esses termos. *Dichtung* seria não só a junção dessas palavras e seus significados como também iria além deles. Ainda dentro do alemão, outras palavras se relacionam com *Dichtung* como *Dichten*, conceber/criar um poema ou texto literário, e *Dichter*, o poeta, ou ainda, o sujeito do processo criativo. Neste último termo, ao se aproximar do pensamento de Freud, podemos entender como o sujeito é o *Dichter* de sua própria realidade psíquica.

Dichtung marca a literatura alemã do século XIX e a diferencia das outras literaturas da época, destacando sua importância não só filosófica, como também histórica, uma vez que "é sob o nome de *Dichtung* ao invés de *Literatur* ou *Poesie* que a produção literária alemã atinge sua consagração de variável histórica da literatura no século XIX" (Decultot, 2014, p. 218 tradução nossa). Assim, para além de um termo, *Dichtung* representa um pensamento-linguagem.

> *Dichtung* [...] has at its core the complex relationship between fiction and reality. In a pejorative sense *Dichtung* relates to the idea of fallacious invention or confabulation, of lying. In a positive sense, however, the term designates the creation of a fictional world, invested with a singular truth. *Dichtung* evokes the creation of an imaginary universe, self-contained, produced by the power of invention of a single individual—the elaboration of an unreal space, in sum, but for all that no less veridical than concrete reality. In this sense *Dichtung* is intimately related to the romantic consecration of artworks. This meaning oscillates between the negative and positive kinds of virtuality of *Fiktion*, but a narrower meaning may be added to it. *Dichtung* may simply designate literary creation in the precise sense of the term, especially poetic creation, hence merging the terms *Literatur* and *Poesie* (Decultot, 2014, p. 216[3]).

O movimento entre realidade e ficção em que *Dichtung* se coloca e problematiza, com um mundo outro criado pela literatura e que não é menos real e nem se opõe ao mundo factual em muito se aproxima do conceito de mundo possível ficcional. A diferença fundamental é que *Dichtung*, diferente de mundo possível ficcional, foca muito mais na individualidade desse processo.

---

[3] "*Dichtung* [...] traz em sua constituição uma complexa relação entre ficção e realidade. Em um sentido pejorativo, *Dichtung* relaciona-se à ideia de invenção falaciosa ou confabulação, de mentira. Em um sentido positivo, porém, o termo designa a criação de um mundo ficcional, investido de uma verdade singular. *Dichtung* evoca a criação de um universo imaginário, autônomo e autocontido, produzido pelo poder de invenção de um único indivíduo — a elaboração de um espaço irreal, em suma, mas nem por isso menos verdadeiro do que a realidade concreta. Nesse sentido, *Dichtung* está intimamente relacionada à consagração romântica das obras de arte. Esse significado oscila entre as formas negativa e positiva de virtualidade de *Fiktion*, mas um sentido mais restrito também pode ser acrescentado. *Dichtung* pode simplesmente designar a criação literária no sentido preciso do termo, especialmente a criação poética, fundindo assim os termos *Literatur* e *Poesie*." (tradução nossa).



Figura 6
Fonte: formulário

Esse aspecto da individualidade nos aproxima da discussão sobre realidade psíquica. Freud chama a atenção para a importância da fantasia no trabalho psíquico. De acordo com Martins e Vorsatz (2018), as fantasias funcionam como ficções protetoras, sendo significadas em um momento posterior, fabricadas a partir de algo realmente vivenciado com o adicional das coisas ouvidas, sendo assim rearranjadas com a fachada de estruturas protetoras que encobrem as recordações desprazerosas ao mesmo tempo em que mantém as lembranças vivas.

Freud utiliza o termo *Phantasie* para falar tanto da atividade criadora quanto da fantasia neurótica, e é nesse movimento entre realidade e ficção que o conceito ganha vida e é problematizado, "indicando o desejo inconsciente como força impulsionadora da fantasia" (Martins; Vorsatz, 2018, p. 266).

> O que estaria em jogo naquilo que Freud aponta sobre o funcionamento inconsciente ao equiparar o mecanismo da fantasia ao da criação literária ou, ainda, da própria criação? Se não há uma lembrança que está lá e que cabe ao sujeito rememorá-la, é preciso que haja uma construção por parte do sujeito. Nesse sentido, a própria rememoração é um ato de criação de uma realidade não factual, mas, sim, ficcional (Martins; Vorsatz, 2018).

Assim, o sujeito se torna o *Dichter* de sua realidade psíquica, visto que

> A fantasia revela seu mecanismo equiparável à criação poética (*Dichtung*) uma vez que, ao se articular em palavras, engendra uma realidade própria, que tem efeitos reais – a fantasia é a realidade psíquica, a realidade decisiva no inconsciente (Martins; Vorsatz, 2018).

Fantasia aqui seria constituído pela combinação da própria experiência com relatos ouvidos sobre o acontecido (Pereira, 2023)

O fato de algum acontecimento fazer parte de sua realidade psíquica não o torna menos relevante para o sujeito, visto que este vive a realidade como um conjunto entre realidade material e realidade psíquica. A realidade psíquica não diz respeito apenas sobre experiências fantasiadas, experiências verdadeiras e parciais também a compõem.

Um bom exemplo do funcionamento da realidade psíquica são as lembranças da infância, que podem ser uma conjunção de lembranças verdadeiras, falsas e parciais, onde a problemática do fato não se dá pela veracidade do ocorrido (Pereira, 2023), mas sim pela forma como tal acontecimento afeta o sujeito, a realidade que ele vivência a partir de questões próprias que se dão de forma concreta em sua psique, – permeado pelas fantasias protetoras – atrelada intrinsecamente ao mundo externo ou realidade material, sinalizando ainda como, em alguns casos, a realidade psíquica pode ser mais significativa que a realidade material.

Em Pereira (2023) vemos como o imaginar das brincadeiras infantis se assemelha ao fantasiar adulto, onde “a fantasia funcionaria como uma correção da realidade insatisfatória” (p. 27) e, ainda, é destacado como presente, passado e futuro não são claramente demarcados na fantasia.

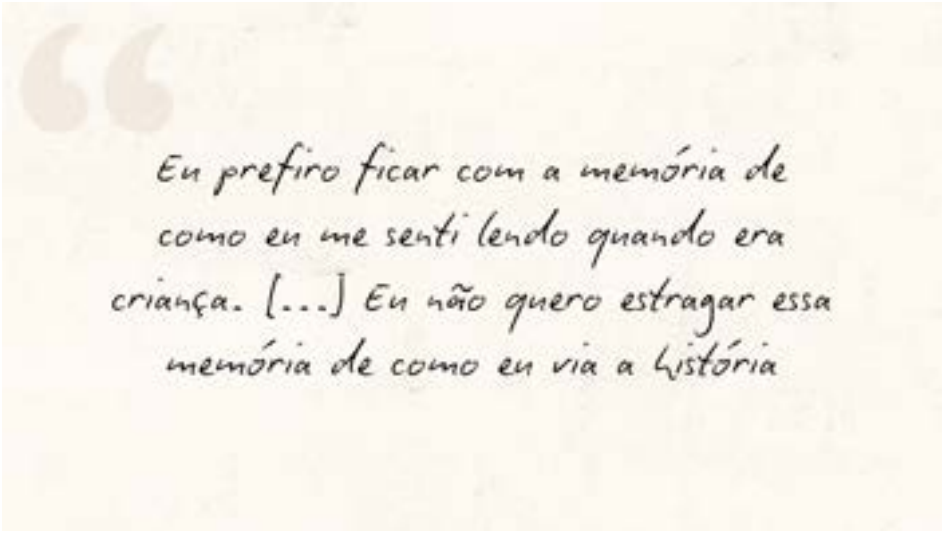


Figura 7
Fonte: formulário

Assim, podemos entender a realidade psíquica como a realidade própria do inconsciente, onde o fantasiar assume papel fundamental enquanto ficção, não como uma mentira, mas como proteção, e que se apresenta como realidade

concreta por se tratar daquilo que o sujeito assume como realidade. Não se trata de outra, mas sim da própria realidade, pois produz efeitos reais no sujeito, não sendo assim oposta a uma realidade material, mas intrinsecamente relacionada a ela.

A literatura envolve diferentes sujeitos que, por sua vez, dizem respeito a diversas relações e ligações que se desenvolvem a partir disso. Como exemplo, podemos pensar: autor-obra, autor-leitor, leitor-obra, etc. Além disso, é necessário ter em mente as diferentes relações que esses sujeitos têm com o mundo e como tais, por sua vez, moldam o sujeito.

Qual será a posição que o leitor assume ao entrar em contato com a obra? A leitura seria apenas o ato de ler as palavras escritas em uma obra ou iria além? São essas questões que movimentam a pesquisa, que parte do pressuposto do protagonismo assumido pelo leitor ao entrar em contato com a obra. "A criação só pode encontrar sua realização final na leitura, uma vez que o artista deve confiar a outrem a tarefa de completar aquilo que iniciou" (Sartre, 2019, p. 42). Tal afirmação guia a busca por melhor compreender como se dão as relações entre autor-obra-leitor.

Para buscar tal entendimento, vamos ao encontro de Sartre (2019) ao entender que o ser humano, em razão da consciência, é desvendante. Isso significa dizer que é a partir da perspectiva e da consciência humana que nós percebemos e nos relacionamos com o mundo. Mesmo assim, é fundamental a compreensão de que as coisas existem independente da nossa existência, pois somos detectores e não produtores da natureza, ou seja, inessenciais à coisa desvendada.

É com a criação artística que passamos a ser produtores e, portanto, essenciais à coisa produzida. Entretanto, Sartre (2019) nos alerta para a impossibilidade de desvendar e produzir ao mesmo tempo, apontando para o par dialético escrever e ler onde, apesar da criação implícita no ato de escrever, é o movimento de leitura que se apresenta como essencial para a realização da obra literária enquanto criação.

Existe uma leitura implícita no ato de escrever que impossibilita a verdadeira leitura, de forma que, cabe ao leitor a função de despertar as palavras adormecidas que aguardam ser lidas. Para o escritor, "o futuro é uma página em branco, enquanto o futuro do leitor são essas duzentas páginas sobrecarregadas de

palavras que o separam do final", sendo assim, "é o esforço conjugado do autor com o leitor que fará surgir esse objeto concreto e imaginário que é a obra" (Sartre, 2019, p. 44). É através da relação intermediada pela leitura que é colocada a essencialidade do sujeito (leitor) e do objeto (obra) ao mesmo tempo, abrindo espaço para que o leitor desvende e, com isso, produza o objeto enquanto objeto propriamente dito.

Tendo em vista a importância da atividade da leitura, ela não pode se dar de forma meramente mecânica dentro dessa relação. É necessário que o leitor esteja na sua melhor forma para que consiga ir para além das palavras e usar de sua subjetividade para dar substância a obra, uma vez que o objeto literário não é dado na linguagem, mas sim no silêncio e contestação da fala, de forma que o sentido da obra não vem da soma das palavras, mas sim de sua totalidade orgânica (Sartre, 2015).

> Assim, para o leitor, tudo está por fazer e tudo já está feito; a obra só existe na exata medida de suas capacidades; enquanto lê e cria, sabe que poderia ir mais adiante em sua leitura, criar mais profundamente; com isso a obra lhe parece inesgotável e opaca (Sartre, 2019, p. 45).

Sartre, ainda, atenta para não confundir o processo no qual o leitor entra em contato com a obra por meio da leitura com uma reinvenção ou descoberta, uma vez que seria impossível reinventar ou descobrir algo que nunca existiu, afirmando, mais uma vez a função reguladora e constitutiva do leitor.

> E se alguém me disser que seria preferível chamar essa operação de reinvenção ou descoberta, responderei que, em primeiro lugar, tal reinvenção seria um ato tão novo e tão original quanto a invenção primeira (Sartre, 2019, p. 48).

Assim, vemos o papel central do leitor ao trazer substância à obra a partir do ato da leitura e entendendo a mesma, não como prática passiva, mas como ponto principal da própria criação artística no mundo iniciada pelo escritor, mas que precisa do leitor para finalizar aquilo que foi iniciado. Vemos então a leitura como criação dirigida, nessa relação entre autor e leitor intermediada pela leitura, que traz a substância da subjetividade do leitor para a obra. “É preciso que o leitor invente tudo, num perpétuo ir além da coisa escrita” (Sartre, 2019, p. 48).

Há ainda uma citação de Sartre que nos chamou a atenção "por mais longe que vá, o autor já foi mais longe ainda. quaisquer que sejam as relações que estabeleça entre as diferentes partes do livro [...] o leitor tem uma garantia: é que

essas relações foram expressamente desejadas". Será mesmo? Até que ponto o autor tem esse controle da forma como a obra será elaborada e reproduzida pelos leitores que, como vimos, são a substância principal de tal ato criativo. É possível que o leitor interprete e pegue a obra para si de tal maneira que, por meio de sua imaginação, consegue expandir e ir além das relações previstas pelo autor? Com essa indagação, pensando nas possibilidades de compreensão e desdobramentos da obra, nos deparamos com o fenômeno das fanfics.

As fanfics fazem parte de um fenômeno importante para o trabalho. O nome vem do termo em inglês *fan* (fã) + *fiction* (ficção), ou seja, narrativas feitas por e para fãs de determinada mídia. Mídia nesse caso serve para designar livros, filmes, séries, bandas e demais manifestações que possua fãs. As fanfics são narrativas escritas a partir de universos já existentes, chamados de cânones, que reimaginam narrativas já existentes e também a vida real. Podem ser de acordo com o universo do cânone, as populares AUs – universos alternativos à história –, crossover com outros universos. Um apelo forte no mundo das fanfics são casais LGBTs, muitas vezes não existentes, ou pelo menos explícitos nos cânones, caracterizando assim o espaço inclusivo criado pelos fãs. Utilizando especificamente o contexto literário, as fanfics são formas de continuar engajando com a obra mesmo após sua finalização, reinventando finais, relações e utilizando diferentes perspectivas para manter a história viva entre os fãs.

Não é intenção do trabalho se debruçar sobre o mundo das fanfics, mas, dentro de um contexto literário, é essencial demarcar tal movimento feito por e para fãs como forma de se apropriar da história e ressignificar histórias, personagens e lugares literários. Isso mostra a participação decisiva dos *fandoms* – conjunto dos fãs de determinada obra, artista, entre outros –, apontando, mais uma vez, a potencialidade que o leitor carrega em si a partir do contato com a obra.

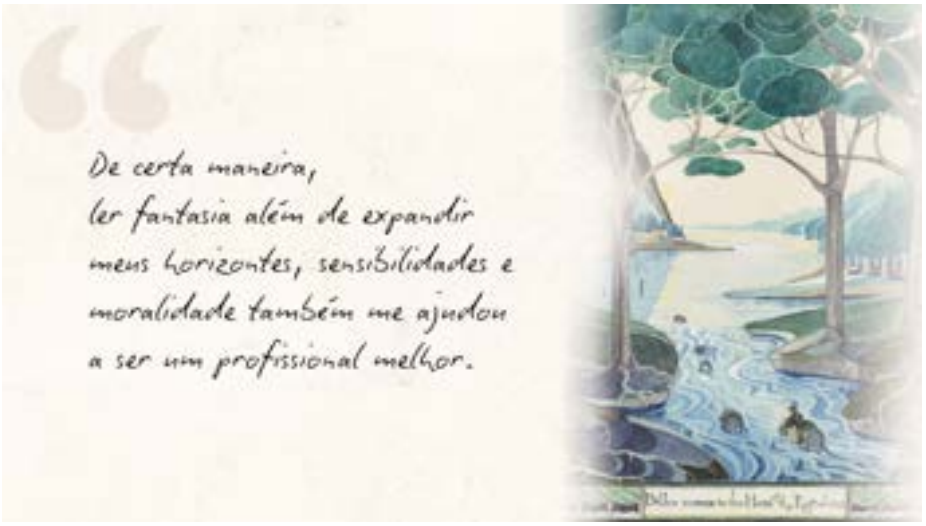


Figura 8: A magia de ler fantasia
Fonte: formulário.

2.1. Vivências, experiências e lugaridades literárias

O conceito de vivência e experiência literária é, neste trabalho, desenvolvido a partir do pensamento de Walter Benjamin. Entendendo que tais conceitos apresentados por Benjamin possuem influência freudiana, também será trabalhada aqui a noção de memória em Freud para então, posteriormente, apresentar o que se entende aqui por vivência e experiência literária. Ao final desta seção, também serão trabalhados os conceitos já mencionados anteriormente de realidade psíquica e fantasia no pensamento freudiano para melhor entendermos os conceitos a serem apresentados.

Podemos entender a vivência como o momento de surgimento das primeiras impressões no sistema e a experiência como a ligação, transcrições e retranscrição dos traços mnêmicos, fazendo referência a algo que, ao ser vivido em um segundo momento, produz um sentido passível de ser comunicado, sendo a memória o pré-requisito para a existência do psíquico, promovendo a reordenação do material psíquico não como um traço que se recupera, mas sim um processo (Braz, 2016).

> Entendida como função de um trilhamento ou facilitação, a memória resulta da diferenciação entre os níveis das barreiras de contato e entre as intensidades de energia responsáveis pela formação das cadeias associativas. Retomando a tendência do sistema nervoso de reduzir o mínimo possível a excitação, as facilitações são alternativas encontradas pelo sistema mnêmico para a descarga da energia livre e, consequentemente, para o aumento da permeabilidade desse sistema.
> São as associações que, como rastros, deixam um caminho a ser seguido pela excitação, difundindo-a em novas facilitações, abrindo sempre novos caminhos. São esses rastros que possibilitam a

> reprodução da memória, uma tentativa de percorrê-los novamente (Braz, 2016, p. 4).

São justamente essas facilitações e barreiras de contato que permitem que a memória não seja estática, estando sempre em trabalho com aquilo que é vivido, produzindo trilhamentos possíveis, podendo assim entender a memória como rede de associações. As facilitações são “vias preferenciais de um caminho em detrimento de outros”, contudo, “essas vias jamais se reproduzem como cópias” (Coutinho, 2013, p. 65). Isso se dá devido ao fato de estarmos sempre abertos a novos estímulos, é por isso que há sempre a inscrição de novos traços no sistema, ao mesmo tempo em que traços previamente inscritos “operam”.

Assim, apesar das barreiras de contato e facilitações formarem percursos, a memória não se constitui a partir da repetição mecânica desses caminhos. Ao repercorrer essas vias formadas pelas facilitações, novos traços e inscrições são assimilados, o que impossibilita que o caminho seja feito da mesma forma sem a interferência desses novos registros. A memória se relaciona não apenas com o vivido da primeira inscrição, mas com o *a posteriori* do trabalho psíquico da transcrição e retranscrição dos traços mnêmicos em conjunto com outras e novas inscrições e traços. “É na e pela repetição que o poder de trilhamento/resistência se constitui e, portanto, a própria memória” (Coutinho, 2013, p. 70).

> Os traços mnêmicos são imutáveis, mas formam uma rede de infinitas combinações. Essa rede é aberta à recepção de novos traços, havendo uma incessante mobilidade quanto à sua configuração (Coutinho, 2013, p. 67).

Podemos dividir e entender o funcionamento da memória em três diferentes momentos. O primeiro diz respeito à inscrição das percepções, que é caracterizada pela ausência de traços, funcionando como signo de impressão, sem representação. O segundo registro é a inscrição mnêmica (transcrição), onde as cadeias associativas se organizam de forma que imagens e referências do objeto se inscrevem no sistema na forma de fragmentos não simbolizáveis, mas que formam lembranças conceituais na ausência do objeto. Já o terceiro registro, a retranscrição, marca a entrada na linguagem, quando os traços anteriores passam a ser ligados a representações verbais, ocasionando a “presentificação das impressões e dos traços que incidiram sobre o sujeito e a significação destes por meio da palavra” (Braz, 2016, p. 6).

É importante destacar que a memória trabalhada por Freud refere-se a memória inconsciente, algo dinâmico que implica em “associações e relações numa combinação móvel e constante” onde “a condição para que a memória se constitua é o investimento, isto é, a ligação de uma energia psíquica a uma representação ou a força/intensidade de uma representação” (Coutinho, 2013, p. 65).

> A memória, em Freud, é memória de traços. Cada traço é traço de uma impressão, e a trama dos traços forma um texto. A impressão é considerada como o momento primário da elaboração mnêmica, isto é, são como marcas que vão formar os traços. O sistema perceptivo recebe as impressões, sendo os sistemas mnêmicos os responsáveis pela memória dos traços (Coutinho, 2013, p. 65).

A memória em psicanálise é uma memória que se altera a partir de uma constante relação com o vivido, considerando a relação do presente com os acontecimentos passados e a influência do passado no presente.

Passando para Walter Benjamin, trago algumas palavras chave relacionadas aos conceitos a serem trabalhados antes de seguir com o aprofundamento do tema. A experiência se atrela à tradição, narrativa, à memória inconsciente e pode ser tanto individual quanto coletiva. Já a vivência está relacionada à informação, à memória consciente, às mudanças que ocorreram a partir da primeira revolução industrial e se dá essencialmente de forma individual. Isso não quer dizer que ambas não tenham coexistido ao longo da história, mas sim que, com as grandes mudanças sociais, econômicas e culturais que se intensificaram da Primeira Revolução Industrial em diante, ocorreu o que o autor chama de atrofia da experiência, onde a mesma foi perdendo o lugar de destaque que possuía dentro das sociedades tradicionais ao passo que a vivência ganha mais espaço nas sociedades modernas.

De acordo com o autor, a modernidade trouxe consigo uma nova forma de experiência, uma que, diferente da experiência tradicional, é pobre em conhecimento acumulado ao longo de gerações. Tal experiência moderna – muitas vezes chamada de falsa experiência por Benjamin – não evocava mais a riqueza da experiência tradicional, dessa forma, observando tamanha diferença, o autor passa a, posteriormente, entender essa experiência moderna não mais como experiência mas sim como vivência.

A memória consciente e a memória inconsciente ao se pensar, respectivamente, a vivência e a experiência, são primordiais para entender ambos os conceitos. Benjamin afirma que quanto menos se tem consciência da experiência, maior será a capacidade de transmitir essa experiência. Isso porque a experiência forma-se mais a partir de “dados acumulados, com frequência inconscientes, que afluem à memória” do que com dados isolados e fixados à memória, mais comum ao se pensar em vivência (Benjamin, 1994, p. 105).

Ao trabalhar com consciente e inconsciente, o autor utiliza do pensamento de Freud. Entendendo como os traços mnêmicos são incompatíveis com a conscientização e, ainda, mais intensos e duradouros quanto menos chegam ao consciente, conclui-se que o consciente tem a função de agir contra os estímulos e preservar o sistema, já que “quanto mais corrente se tornar o registro desses choques no consciente, tanto menos se deverá esperar deles um efeito traumático” (Benjamin, 1994, p. 109). Diferente da memória consciente, a memória inconsciente diz respeito aos traços mnêmicos, associados aos processos de transcrição e retranscrição no sistema da memória conforme já vimos. Tratam-se de traços que não podem ser acessados de forma consciente. Dessa forma, “só há vivência quando o estímulo é amparado pelo escudo protetor, isto é, quando é percebido conscientemente” (Lima; Baptista, 2013).

Mas quais foram os fatores que levaram a essa atrofia da experiência? Como já falado anteriormente, Benjamin aponta dois momentos cruciais que marcam a mudança no caráter da experiência na sociedade moderna, a vivência: a Primeira Revolução Industrial e a Primeira Guerra Mundial. A Primeira Revolução Industrial foi um período de intensas transformações sociais, culturais e econômicas. Com a mudança na forma de produção, que levou ao surgimento de novas relações de trabalho – e com o trabalho –, o crescimento urbano se intensificou e as cidades passaram por uma valorização e centralidade que antes pertencia ao campo, se tornando grandes pólos produtivos e populacionais. Tais transformações também impactaram profundamente a forma como a sociedade se organizava e as relações estabelecidas socialmente e com o mundo.

A Primeira Guerra Mundial foi um momento de aniquilação da experiência, sendo considerado por Benjamin (1987) o derradeiro golpe na experiência

transmissível de boca em boca, com os homens que voltavam da guerra manifestando em seu silêncio o empobrecimento da experiência.

> Na época, já se podia notar que os combatentes voltavam silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. [...] Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmentidas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (Benjamin, 2012, p. 124 *apud* Lima; Baptista, 2013).

Para Benjamin a experiência do trauma e a vivência do choque não são comparáveis, sendo inconcebível pensar que os traumas gerados por uma guerra se igualem ao que os homens modernos passam nas cidades. A vivência é produto do consciente, pois ele atua na proteção do sistema de tais estímulos, impedindo-os de chegar ao inconsciente. Já o trauma está para além do choque e não é compatível com a vivência, ele é o estímulo que conseguiu ultrapassar a proteção do consciente e chegar ao inconsciente, se tornando uma experiência traumática (Lima; Baptista, 2013).

> "Quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência, e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência" (Benjamin, 1994, p. 111).

O trauma é aqui trabalhado não somente como um acontecimento ou situação negativa vivenciada, mas como marca que é inscrita no sujeito a partir de determinada situação. Quando um ou mais acontecimentos se dão de forma que o aparelho psíquico não é capaz de descarregar propriamente a excitação recebida (Fulgencio, 2004).

A narrativa, segundo Benjamin (1987), é algo central para compreender a experiência tradicional. Ela carrega em si uma dimensão utilitária, a de aconselhar, e, por ter como uma de suas bases a transmissão de conhecimento por gerações, carrega não só a experiência do indivíduo que conta a história, mas de todos que vieram antes dele.

"Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. [...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (Benjamin, 1987, p. 203),

de forma que, a atrofia da experiência e a substituição da narrativa pela informação no dia a dia da modernidade estão profundamente relacionadas. Diferente da narrativa, a informação explica-se em si mesma e só tem valor quando é nova.

Mas, para Benjamin (1987, p. 201), o que culmina na morte da narrativa é a ascensão do romance moderno, sendo este fundamentalmente distinto da narrativa. “O que separa o romance da narrativa [...] é que ele está essencialmente vinculado ao livro. A difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa” (Benjamin, 1987, p. 201).

Ao entender esse processo, podemos começar mais especificamente a trabalhar com aquilo que a pesquisa se propõe. Benjamin pondera sobre os leitores de romance e constata tais afirmações:

> “[...] o leitor de um romance é solitário. Mais solitário do que qualquer outro leitor [...]. Nessa solidão, o leitor de romance se apodera ciosamente da matéria de sua leitura. Quer transformá-la em coisa sua, devorá-la, de certo modo. [...] O romance não é significativo por descrever pedagogicamente o destino alheio, mas porque esse destino alheio, graças à chama que o consome, pode dar-nos o calor que não podemos encontrar em nosso próprio destino.” (Benjamin, 1987, p. 213-214)

Alguns leitores carregam obras específicas como se fossem parte de sua própria vida, sua própria história, demonstrando a força do vínculo que pode ser estabelecido através da leitura. É a partir desse entendimento que os conceitos de vivência e experiência literária são pensados para melhor discutir a respeito dessa relação, principalmente para o capítulo 3.

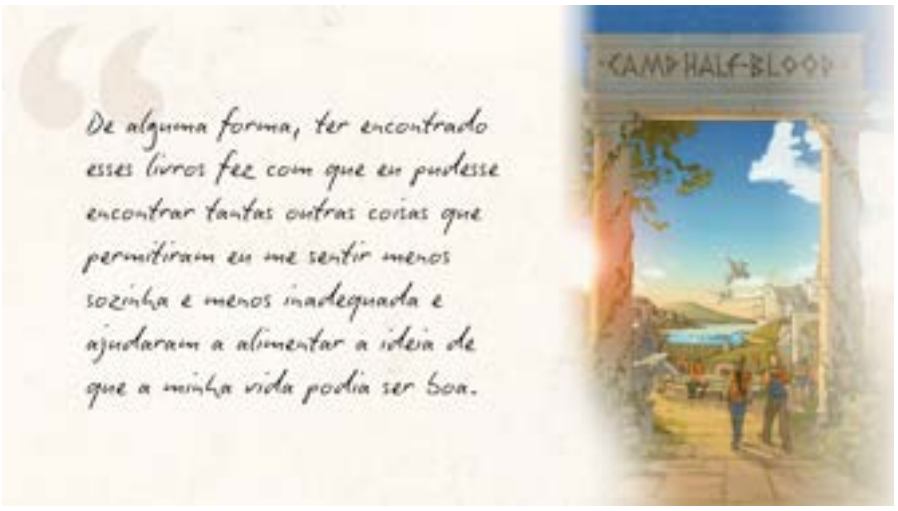


Figura 9: Encontros literários
Fonte: formulário

A vivência literária é entendida aqui como o afeto que o leitor estabelece com a obra ao longo do ato de leitura. Não só com a história em si, mas principalmente com os personagens e os lugares narrados. Essas vivências, a depender do quão significativa a obra foi para o leitor, deixam marcas. Muitos detalhes podem ser esquecidos ao longo do tempo, mas as marcas deixadas a partir do contato com a obra não, ou seja, a vivência literária, não se delimita à leitura e não é encerrada após a conclusão da história.

Tal qual o conceito de vivência para Walter Benjamin, a vivência literária trabalha com a memória consciente que envolve a leitura em si e momentos posteriores em que o contato com a obra se apresenta e influência atitudes do leitor, sejam elas compras, viagens, conversas que se relacionam com a obra. Assim, vemos que não só o momento da leitura é relevante na relação entre leitor e obra, mas que após a leitura tais obras ainda assim se presentificam nas relações estabelecidas pelos leitores com o outro e com o mundo, presentes na forma de ver e viver o mundo mesmo após esse primeiro contato direto.

Trata-se, portanto, do próprio ato da leitura juntamente com todos os desdobramentos possíveis a partir desse contato, todas as escolhas e decisões que o sujeito toma onde o contato com a obra esteja presente de alguma forma. Assim, a vivência literária está mais atrelada às transposições do mundo possível ficcional da obra para o mundo factual e as representações físicas que surgem desse processo e a busca ativa do leitor por tais vivências.

Seria possível então pensar na existência de uma experiência literária dentro daquilo que já foi discutido? Como seriam essas experiências literárias que deixam marcas inconscientes de forma a se presentificar e atrelar-se a questões que dizem não apenas sobre a leitura da obra, mas sobre o atravessamento dessa obra e dos lugares e pessoas presentes nela à vida do leitor. As entrevistas pretendem verificar a existência e, ainda, se debruçar sobre o desafio que é se aproximar e ter acesso a tais experiências. Nesse momento, ainda sem o apoio das entrevistas, a experiência literária será discutida sem ser definida, entendendo que os relatos em muito irão contribuir e enriquecer essa discussão previamente realizada.

Com experiência literária buscamos aqui aproximar mundo possível ficcional de realidade psíquica, entendendo que é nesse encontro que algo acontece capaz

de tocar o leitor de forma que o afeto vai além da leitura. O conceito diz sobre as relações simbólicas que ligam pessoas à lugares e também entre si a partir do afeto que vai além daquilo que a vivência literária carrega. Tal conceito estaria voltado para vivências de mundos possíveis ficcionais, entendendo que existe um vínculo e afeto que se estabelece, com todos os seus elementos, de forma que o livro em si já não se basta. Para isso, contaremos com o apoio do conceito já discutido de realidade psíquica, trazendo-o para o contexto da experiência literária procurando compreender os mecanismos que possibilitam esse encontro entre sujeito e obra ir além do próprio ato de leitura.

> O inconsciente é o psíquico propriamente real, tão desconhecido para nós segundo sua natureza interna, quanto o real do mundo externo; ele nos é dado pelos dados da consciência de maneira igualmente tão incompleta quanto o mundo externo pelas informações de nossos órgãos sensoriais (Freud *apud* Martins; Vorsatz, 2018).

É na fronteira entre realidade psíquica e mundo possível ficcional que a leitura adquire seu caráter fundamental como meio entre duas formas de ver e dizer o mundo, possibilitando ao sujeito se relacionar de forma tão visceral com situações, lugares, personagens e histórias que são apresentados por meio da narrativa e assimilados psiquicamente no decorrer da leitura. As formas como isso vem a ocorrer e seus impactos são múltiplos e serão explorados com as entrevistas, onde as pessoas poderão dizer sobre suas experiências literárias ao dizer sobre sua vida e obras que a marcaram.

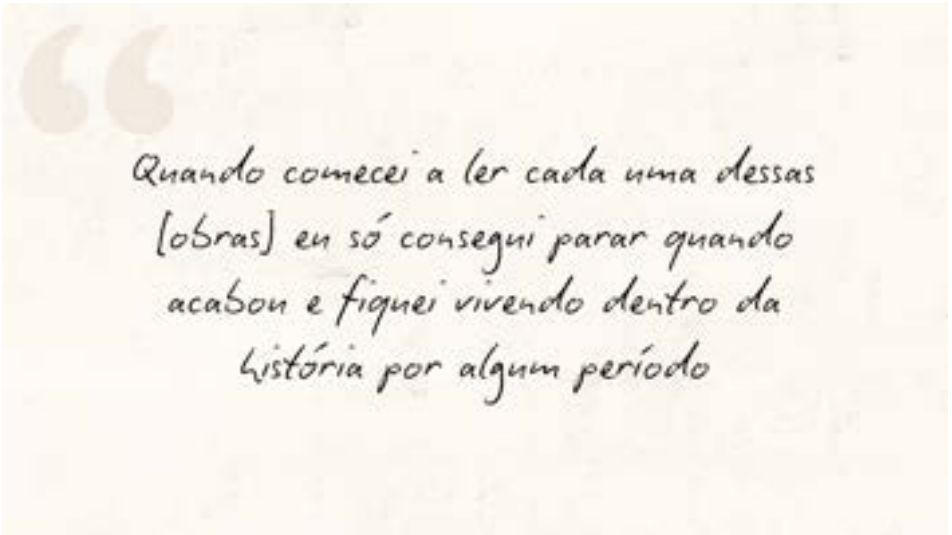


Figura 10
Fonte: formulário

A pesquisa pretende, por meio das entrevistas, se aproximar do contato do sujeito com um mundo possível ficcional e o desdobramento desse encontro ao ser trabalhado psiquicamente, levando em conta a construção da realidade psíquica e sua forma de operação. Como e que experiências nesse mundo são de alguma forma assimiladas pelo aparelho psíquico e como isso é trabalhado psiquicamente. Não igualando mundos possíveis ficcionais a realidade psíquica, mas admitindo o encontro de ambos e seus desdobramentos a partir de tal interação.

Dessa forma, não é estranho pensar que, a partir da leitura, esse mundo outro próprio da obra seja assimilado pelo leitor de forma tão intensa, tornando-se realidade de fato para o sujeito a partir da relação de vivência literária e, ainda, propiciando experiências que se constroem a partir da relação desenvolvida com o mundo da obra e todos os seus desdobramentos, assim, uma experiência literária, mas que não se encerra com (e na) obra.

A categoria de lugar possui profunda ligação com esse trabalho. Falamos sobre lugares construídos por meio da literatura, mas para além disso, trabalhamos com diversas manifestações de lugares: lugar na literatura, lugar de leitura, lugar literário.

O primeiro diz respeito a lugares construídos por meio da narrativa, lugares que significam e são significados pelos personagens no mundo possível ficcional da obra e que entram em contato com o nosso mundo por meio dos leitores através da leitura. O lugar de leitura diz sobre onde a leitura acontece, seja uma biblioteca, uma livraria, na poltrona de casa ou no ônibus, dentre diversas outras possibilidades, cada um tem seus lugares preferidos para abrir um livro e se abrir para o mundo da obra, em maior ou menor grau. Já o lugar literário são os lugares da literatura que através da leitura podemos experienciar e significá-los em nossas vidas.

Antes de aprofundar a discussão sobre lugares literários, que se apresentam como ponto fundamental da pesquisa, se faz necessário entender como lugar é compreendido aqui.

> O lugar é criado por seres humanos para objetivos humanos. [...] Para permanecer um lugar ele precisa ser vivido [...]. Viver em um lugar é experienciá-lo, estar consciente dele nos ossos, assim como na cabeça [...]. É um constructo da experiência: ele é sustentado não apenas por madeira, concreto e estradas, mas também pela qualidade da consciência humana. (Tuan, 1975, p. 165).

Entendemos lugar como “centro de significado construído pela experiência” (Tuan, 1975, p. 152). Ao trazer Tuan para a discussão, admitimos que para além da questão da experiência, que lugares também se valem dos sentidos, da percepção e da mente (Pádua, 2013). Tais características se valem, obrigatoriamente, do caráter material do lugar onde essas experiências se dão, mas não podemos, de forma alguma, resumir o lugar em sua materialidade. Como a citação acima traz, estar consciente do lugar também requer todo um trabalho de construção mental a respeito dele. É onde a materialidade e os afetos se encontram para formar assim um centro de significado.

Assim, o lugar representa a pausa, onde nossas fisiológicas, biológicas, sociais e sentimentais (Pádua, 2013, p. 48). Para ser um lugar, é necessário que seja construída uma relação individual ou coletiva com aquela localidade, e isso requer tempo. É somente com o tempo que conseguimos “viver as experiências sem que elas marquem nossa memória de forma notável” (Pádua, 2013, p. 48). Conforme vimos anteriormente, diferentemente da lembrança, a memória se relaciona com o inconsciente, com dados acumulados que afluem à memória e que são construídos com o tempo e a partir da relação que se estabelece com determinada localidade. Isso não significa dizer que a maneira como nos relacionamos com o lugar é estática. A própria construção do afeto se dá ao longo do tempo e pode variar de algo positivo para algo negativo e vice-versa. O lugar se constrói a partir da relação que estabelecemos com ele ao longo do tempo.

Nessa relação, a linguagem desempenha um importante papel. A nomeação e, com isso, reconhecimento de um lugar como centro de significado, por exemplo, configura esse lugar como algo importante para um grupo de pessoas e que pode ser também reconhecido por pessoas que não fazem parte desse grupo. Assim, “conhecer um lugar também é conhecer o passado” (Pádua, 2013, p. 50). Isso também se dá de forma individual. Por exemplo, o passado preservado no livro preferido da infância ou momentos criados através da literatura que deixam no livro sua marca.

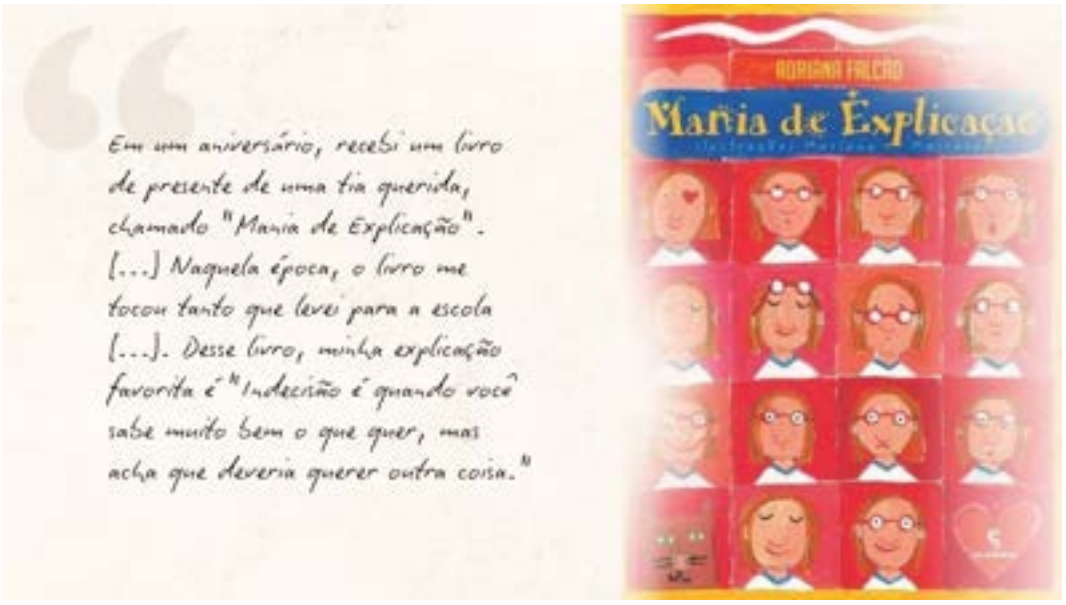


Figura 11: Livros que marcam a infância
Fonte: formulário

Ainda, “o lugar nos dá a sensação de unidade, de coerência da comunidade” (Pádua, 2013, p. 51). Tal afirmação nos leva a pensar nas comunidades criadas a partir dos livros.



Figura 12: Lugar de pertencimento e comunidades através da literatura
Fonte: formulário

Agora que entendemos o lugar de forma geral, como pensar em lugares literários? Seria possível pensar em tal “formato” de lugar, principalmente ao levar em conta o forte apelo da materialidade que essa categoria carrega? Obviamente, não podemos focar apenas na questão de construção subjetiva e mental do lugar e

esquecer sua materialidade como algo a ficar em segundo plano. Assim, nos aproximamos da lugaridade.

Marandola Jr. (2020) abre as discussões sobre lugar e lugaridade em seu texto, que utilizamos aqui como base para a reflexão acerca dessa aproximação entre lugar e literatura, com a seguinte frase de Heidegger (2001): “A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar” (*apud* Marandola Jr., 2020, p. 1).

O autor critica as concepções modernas que insistem, mesmo com a tentativa de superação, na divisão *res cogitans* – coisa pensante, imaterial; pensamento, memória e sentimentos – e *res extensa* – coisa externa, mundo físico e corpo humano; aquilo que ocupa lugar no espaço e é regido pelas leis da física –. Tal divisão presente na ontologia moderna, conforme aponta o autor, tende a uma visão que, ora focada na externalidade ora focada na subjetividade, acaba por privilegiar excessivamente o mundo externo ou o sujeito, causando um imbalanço no próprio pensamento.

> Quando o predomínio do espaço nos assoberbou, vindo das perspectivas neopositivistas, buscamos dois caminhos: uma construção do espaço como instância social, via marxismo e neomarxismo, e uma ênfase no lugar e no espaço como experiência e existência, via fenomenologia e existencialismo. No entanto, em ambos os caminhos, nos faltou radicalização para continuadamente romper com nossas heranças modernas que se mostram em uma dupla má-solução do cerne da crítica feita à modernidade, o problema epistemológico básico da relação sujeito-objeto que é, como vimos com Heidegger, de natureza ontológica. Dito de outra maneira, não conseguimos nos posicionar de maneira efetiva para reelaborarmos nossa compreensão do sujeito e do objeto, mantendo, via de regra, estruturas consagradas na modernidade e que, aquém de nossos esforços, voltam a nos lançar nas mesmas estruturas cognitivas explicativas das *res cogitans*, de um lado, e da *res extensa*, de outro. (Marandola Jr., 2020, p. 5-6).

Diante dessa crítica, há a preocupação no presente trabalho de não cair no subjetivismo ao focar nas vivências e experiências literárias do sujeito, entendo que, nesse primeiro momento, a materialidade talvez não apareça com tanta força. Mas isso não significa que os processos aqui trabalhados não possuem forte teor geográfico. São processos que dizem de pessoas que, a partir do contato com alguma obra, passam a ver e estar no mundo de outra forma, mostrando o impacto concreto da literatura na vida de pessoas das mais variadas idades. Assim, caminhamos junto do autor ao assumir

> [...] uma geografia mais-que-extensiva, pautada em outra compreensão da relação sujeito-objeto, orientada não para os conteúdos, mas para uma topologia das emergências, dos modos de ser, não das substâncias: uma geografia das lugaridades mais do que dos lugares. (Marandola Jr., 2020, p. 3).

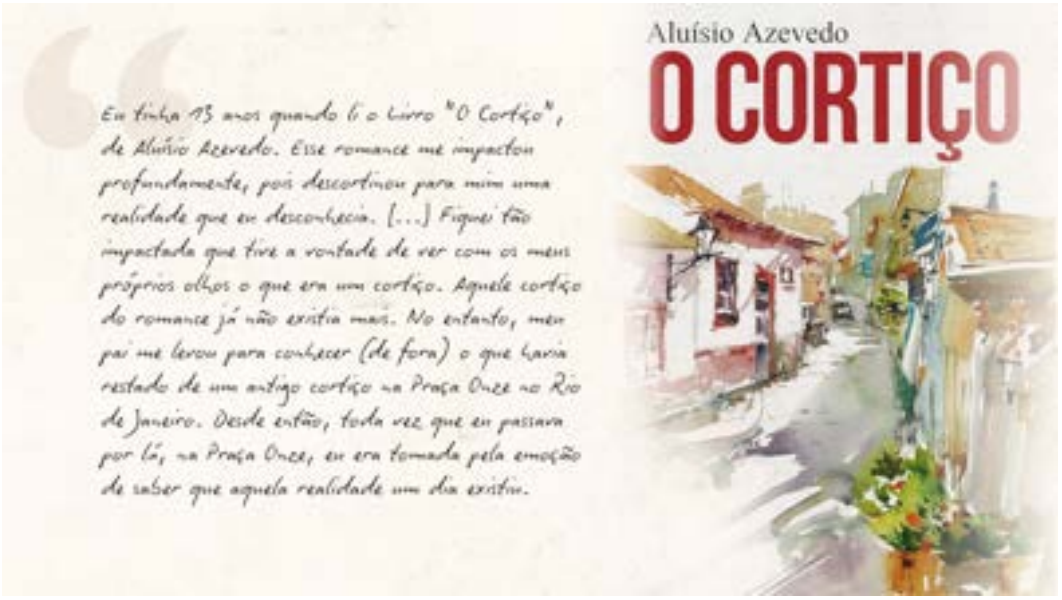


Figura 13: Lugares, lugaridades e literatura
Fonte: formulário

Voltando à frase que inicia o texto, podemos entender que “a ponte não está em algum lugar. A partir da ponte surge o lugar”. A lugaridade se encontra na emergência daquilo que se dá a partir do encontro do sujeito com o espaço em um constante processo de construção. Dá se lugar a uma topologia relacional que privilegia o espaço-entre e as co-emergências que surgem a partir das relações que se dão no e com esse espaço (Marandola Jr., 2020).

O lugar, então, passa a estar inserido em um contexto de mais-que-extensivo e de ser-no-mundo, o que permite que ele “não pré-exista nem se fixe: sendo emergência neste conjunto topológico relacional” e, mais do que isso, com essa construção relacional que se dá a partir do acontecer, o lugar, entendido como lugaridade, “não precisa de uma construção extensiva para acontecer, embora também possa ser o caso” (Marandola Jr., 2020, p. 7).

Falamos, então, não de lugares literários, mas sim de lugaridades literárias, que emergem a partir do encontro do sujeito com a literatura e com os lugares, pessoas e histórias contidos na obra. Tais lugaridades existem para além de uma correspondência material, muito embora tal correspondência exista sob a forma de

parques temáticos, destinos e experiências turísticas, convenções de fãs e outras manifestações.

Tal relação com lugares nos aproxima novamente de lugar geopsíquico, ao entender que é nesse espaço-entre da dobra topológica entre mundo interno e mundo externo que algo acontece como emergência de uma outra forma de se relacionar com o mundo a partir do contato com a literatura. Estamos falando de lugar geopsíquico, mas também de lugaridades literárias, e ambos em muito se aproximam. Será que poderíamos, então, falar de lugares geopsíquicos literários?

3. *“Os livros sempre me colocaram em lugares muito especiais”*: análise dos relatos e entrevistas

> *Nenhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade sob condições de realidade absoluta; até cotovias e gafanhotos, supõe alguns, sonham.*
>
> **A Assombração da Casa da Colina**, Shirley Jackson (2021, p. 7).

A intenção da pesquisa ao trabalhar com relatos e entrevistas não é destrinchar as falas que foram compartilhadas conosco no intuito de comprovar aquilo que a pesquisa se dedica. Mais do que isso, é a partir da perspectiva do outro e por meio da palavra (escrita e falada) que poderemos nos aproximar de experiências literárias que, em conjunto com o referencial teórico levantado, em muito irá enriquecer o trabalho, mostrando a literatura como coisa real no mundo para além da obra e história em si, mas a partir das relações estabelecidas entre sujeito e obra. Para isso, traremos ao longo deste capítulo trechos das respostas recebidas via formulário e também das entrevistas buscando, a partir disso, estabelecer conexões com a base teórica que orienta a pesquisa.

Enquanto escrevia esse capítulo, me peguei pensando na complexidade daquilo que a própria pesquisa definiu como meu trabalho. O exercício de escrever, assim como o de falar, é transformar o pensamento em palavras, e isso já é um deslocamento. Dentro dessa lógica, poder falar sobre as experiências que me foram ditas por outras pessoas é um deslocamento maior ainda. Isso é importante pois mostra a riqueza intermediada pela literatura, considerando o tema do trabalho, e entendendo esse exercício provocado pelo encontro da literatura com a pesquisa. Surge então o questionamento de como então os relatos escritos e falados podem ser trabalhados aqui, entendendo que, levando em conta a estrutura do trabalho não posso só colocar os relatos sem dizer nada, mas também não me sinto no direito de falar sobre a relação do outro com a literatura, dentro dessa complexidade.

Sendo assim, o exercício a ser feito aqui será de refletir a partir daquilo que o outro me confia a partir de seus relatos. Não a fim de de entender, mas em uma tentativa de pensar a riqueza de material que vem a partir dessa relação.

Foram escolhidas 3 pessoas para as entrevistas dentre 17 respostas ao formulário. Durante a análise, surgiram das próprias entrevistas e respostas ao formulário categorias de análise relacionadas aos conceitos fundamentais trabalhados no referencial teórico, sendo elas: pontes de afeto e memória, encontro com pessoas e com o passado, pertencimento, sexualidade, saúde mental, lugaridades literárias.

Livros têm o poder de se desdobrar de diferentes maneiras e marcar a vida das pessoas. Esse impacto não vem do livro em si, mas da construção da relação com a literatura e com outras pessoas e lugares a partir delas. “A literatura me aproxima de quem eu amo”, um dos relatos conta, ao lembrar que leu Harry Potter e Senhor dos Anéis por influência da filha e do marido. Ainda, em outro relato: “O livro ‘Angélica’, de Lygia Bojunga, ganhei do meu pai que já faleceu, quando eu tinha apenas 5 anos, ele me ensinou a ler em jornais para ler para ele, quando aprendi, ganhei esse livro e guardo ele até hoje.” Não estamos falando só de livros e de pessoas, mas de como, a partir dos livros, surgem memórias que dizem muito mais do que da obra em si. O ente querido já falecido, o processo de alfabetização… livros podem ser pontes de afeto e memória, trazendo consigo não apenas uma história que, por si só conseguem afetar e transformar a vida do leitor, mas também todo um contexto que começa antes mesmo da própria leitura. Em um dos relatos, a entrevistada conta sobre sua ligação com os livros e crescente interesse pela arte:

> “O meu bisavô, ele tinha muitas enciclopédias diferentes, mas só que, para além das enciclopédias, ele tinha um livro de arte, muito grande assim, que tinha até um cheiro diferente, e aí eu ficava folheando esse livro, acho que foi muito daí também. E aí esse livro hoje em dia tá comigo. Meus bisavós já faleceram né, e aí a família deixou comigo porque era um objeto que eu tinha proximidade. E é um livrão, muito bonito.”

Vemos a força da memória literária que traz para o relato presente até mesmo o cheiro associado a determinado livro. Assim, para além da imaginação, a literatura também evoca nossos sentidos, numa constante relação não só com a história da obra, mas com todo o contexto e dimensão física que engloba o momento da leitura. Um livro, muitas vezes, não existe isolado de todo um contexto de vida, e é esse contexto que potencializa a ligação entre sujeito e obra a partir da leitura. A leitura é dada a partir de um contexto muito maior do que o ato de abrir e ler um livro.

Dessa forma, os livros se estabelecem também como pontos de encontro com pessoas e com o passado a partir de todo um contexto em que está inserido. Vemos

isso em relatos como: “Algo que me faz ter um apego especial pelos livros foi sempre ter lido livros emprestados de outras pessoas, então além de lembrar das histórias também lembro de antigas amizades”. E, ainda,

> “Eu gosto muito principalmente de pegar livros de biblioteca, eu gosto de ver o livro usado, além do cheiro e da própria textura do papel de edições mais antigas, eu gosto muito de ver as marcações dos livros. [...] Tu tava lendo e daí tinha um pinguinho de café. Eu achava isso legal. De certa maneira, tem essa conexão com as pessoas que leram o livro antes.”

Pensando em contexto, uma situação que foi pontuada mais de uma vez nas entrevistas foram as leituras durante a pandemia e a força que tiveram, marcando fortemente a vida.

> “Acredito que [os livros de Percy Jackson] foi uma coisa também que despertou meu interesse pela história, justamente por conta da questão da mitologia. E, além de eu ler os livros, eu também pesquisava muito sobre mitologia. Então, acredito que [livro preferido] da vida assim tenha sido Percy Jackson pelo peso do momento da pandemia, do momento frágil que foi.”

E, em outro relato, a entrevistada conta que começou a ler Corte de Espinhos e Rosas com uma amiga durante a pandemia, e que naquele momento

> “[...] pareceu que reacendeu na minha cabeça aquele sentimento de adolescente de estar lendo uma história que é muito interessante, que eu vou passar o dia inteiro pensando nos personagens e pensando na história, vivendo dentro da história. E aí, junto com isso, o fato de estar lendo esses livros e de estar tão entretida dentro da história fez com que eu até voltasse a desenhar, coisa que fazia muito tempo que eu não fazia.”

Entrando no tópico sobre desenhar e a relação entre literatura e arte, outro relato afirma “Serei sempre grata por essas histórias que me fizeram sentir parte de algo, me fizeram sentir vista e me inspiraram a fazer arte”.

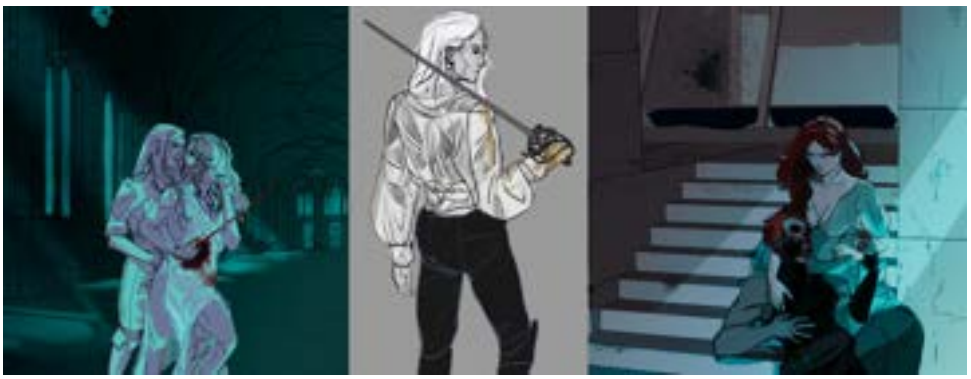


Figura 14: Fanarts da série *The Locked Tomb*
Fonte: formulário

Sobre pertencimento, o relato conta sobre a emoção de ler e se identificar com personagens lésbicas, mostrando a importância da representatividade na

literatura: “A emoção de encontrar livros onde existem personagens como eu, de sentir que era algo feito para mim e me sentir pertencente”.

> “Ler Gideon [...] foi extremamente divertido, senti como se fosse um Game of Thrones para lésbicas, adorei a construção de mundo e as personagens muito reais e divertidas, como um livro pode ser tão lésbico e descontraído, mesmo com horrores cósmicos acontecendo.”

A sexualidade e sua relação com a literatura também aparece mais de uma vez, quando um outro entrevistado revela que “quando li esse livro [O Hobbit] eu estava me descobrindo como bissexual, então, de certa forma Thorin Escudo de Carvalho foi meu primeiro crush literário!” E ainda, ao ser perguntado sobre a relação entre bissexualidade e literatura conforme tinha informado no formulário, o entrevistado conta que uma vez, ainda no ensino fundamental, passou por uma situação complicada na qual contou para amigos que achava que eram de confiança sobre achar que era bissexual e, ao final do periodo de aulas, toda a escola estar sabendo. Após o episódio ele nunca mais falou disso e guardou para si. Até que, com o passar do tempo, lendo O Hobbit, “eu fui realmente me apaixonando pelo personagem e fiquei ‘tá. será que eu não deveria revisitar isso que eu estava sentindo e repensar sobre?’. De certa maneira, o Hobbit me ajudou a sair do armário.”

Outra ocorrência interessante que os relatos nos trouxeram foi a ressignificação de elementos da obra. É o exemplo do anel de Senhor dos Anéis, usado por um dos entrevistados como aliança de namoro. “Pra ela não pegou tanto porque ela não gosta tanto de Senhor dos Anéis assim, mas pra mim foi uma grande surpresa”.



Figura 15: O Um Anel
Fonte: formulário

Em outra exemplo de outro participante, a relação com o anel é ressignificada e aprofundada de forma ainda mais tocante, mostrando a força da literatura em momentos difíceis da vida.

> “Uma informação interessante é que o Um Anel que hoje está nessa estante foi um objeto que eu levei no pescoço por um ano inteiro como um símbolo de alguém lidando com estresse pós traumático. [...] Sofri um acidente de carro em 2021, que me gerou um estresse pós traumático muito muito negativo. E o Frodo se tornou a maior fonte de identificação que eu tinha na literatura no momento, eu sentia que tinha voltado de Mordor, mas o condado não poderia ser salvo pra mim.”

O tema de saúde mental perpassa por outros relatos, destacando a literatura como arte que permite ver o mundo de outra forma:

> “Eu sou diagnosticada com TAG, com transtorno de ansiedade generalizada, então às vezes a minha forma de ver o mundo é um pouco diferente, não só acelerada, mas também um pouco estática às vezes. E aí acaba que essas formas artísticas, seja ela a literatura, a música, filmes e etc, me dão outra forma de enxergar ou pelo menos de tentar enxergar as coisas. Então essa coisa de ver referências culturais nos lugares que você vai me deixa muito mais animada com a situação toda. [...] Ver essas referências de coisas que eu vi antes [nos livros], eu acho que me dá uma sensação de estabilidade. E até mesmo lugares que… por exemplo, o livro do Dan Brown, O Código da Vinci, ele não se passa em Londres, mas a forma como… mesmo que não seja o lugar que ele descreveu exatamente, eu ainda assim… por exemplo, tem uma igreja em Cambridge que me lembrou muito o que o Dan Brown falou no livro dele. E aí mesmo que não seja o lugar que descreveu, ainda assim eu falo ‘nossa, parece que eu to num livro do Dan Brown’.”

É interessante ver, com esse exemplo, a relação criada com os lugares a partir dos livros. Que lugares são esses que ao mesmo tempo são do livro, mas também são do mundo, mesmo não sendo a correspondência exata? Lugares que lembram a obra e que passam a constituí-la através do imaginário do leitor. Vemos

com isso a forma como a literatura adiciona uma camada à forma de ver o mundo do leitor, apresentando lugaridades literárias que (re)significam lugares no mundo a partir de um contato prévio com a literatura. É o caso de um outro relato:

> “Gostei tanto do livro [A Dama e o Unicórnio de Tracy Chevalier] que pesquisei tudo sobre a história dessa tapeçaria.” [...] “Quando tive a oportunidade de fazer uma viagem a Paris, fiz questão de visitar o Museu de Cluny, um museu com um acervo da arte medieval.” [...] “Estar diante da tapeçaria, já conhecendo o romance e a história, foi uma experiência única e emocionante. Chorei e me emocionei. Foi inesquecível.”

Aqui vemos como o livro apresenta algo do mundo e, nessa relação com o leitor a partir da leitura, passa a dotar de significado uma coisa com a qual antes não se teve contato, fazendo uma ligação de afeto surgir por meio da literatura de forma a trazer emoção ao se encontrar com a coisa no mundo pela primeira vez.

As lugaridades literárias se apresentam a partir dos relatos mostrando como a literatura traz significado a lugares nunca antes visitados, permitindo que o afeto se dê mesmo antes de se poder estar presente no local através da leitura. Isso permite que qualquer lugar possa se tornar uma lugaridade literária ao ser (re)significado pelos leitores de forma tanto individual quanto coletiva.

> “Eu descobri que, em Itaipava, tem a casa do Pequeno Príncipe, que na verdade é uma chácara. E aí o Antoine de Saint-Exupéry, que é o escritor de Pequeno Príncipe, passou por lá, e aí acabaram construindo uma casa do Pequeno Príncipe, que tem exemplares e etc. Isso é uma coisa legal também porque eu gosto desses espaços que não necessariamente são o que inspirou os livros e os escritores, mas são os espaços que inspiraram os leitores.”

Ainda, dentro desse tema, uma das entrevistadas conta de sua primeira visita ao Louvre em um relato onde a literatura se mostra presente a todo momentos:

> “E é muito diferente de você ver no livro e você ver pessoalmente. É muito engraçado porque eu via a Monalisa, mas eu também via o conceito geral por trás dela. E aí não é que o foco dele no livro é a Monalisa, é a grande galeria, que é onde tem os quadros mais conhecidos. Então, um quadro leva ao outro. Na minha cabeça eu tentei ficar mapeando esses quadros para ver o caminho que ele fez ao ir desvendando cada um. E ver outros quadros também. E todos eu conseguia ver de perspectivas diferentes. [...] Principalmente porque é um lugar muito cheio, eu acho que a experiência se molda aí também, porque não é só você e o quadro. [...] Mas eu acho que de alguma forma ali eu consegui ter a visão da Eu leitora, de tá ali vendo a inspiração do autor para o livro. Mas também teve a visão da Eu, que era uma turista de 16 anos e que estava impressionada, sem nenhum pré-conceito sobre os quadros, e também a visão da Eu que já tinha interesse em história da arte.”

Ainda sobre viagens, uma participante compartilha um relato sobre como a leitura se faz presente em suas viagens não só a partir de visitas a lugares que remetem ou lembram as obras, mas desde um primeiro momento:

> “Tem um grande problema das minhas viagens que é que eu tenho medo de avião. E, assim, essas viagens foram longas né? Foram viagens de onze horas e eu tenho muito medo de avião. Então a parte da literatura dentro das minhas viagens começa nesse ponto, porque eu sempre levo um livro para eu tentar ler dentro do avião, por mais que eu fique muito nervosa. Mas é bacana porque, como eu fico muito ansiosa durante a viagem e etc., parte do dia e dos trajetos que eu faço eu não consigo aproveitar muito bem, justamente por causa dessa ansiedade. Só que é muito bizarro porque, quando eu vejo… por exemplo, eu coloquei a foto da mesa que o Saramago gostava de se sentar no restaurante. E aí parece que eu não tô mais ansiosa. Porque esse dia da mesa do Saramago, eu estava só fazendo uma conexão [...]. E parecia que naquele momento que eu estava na mesa, não existia vôo de volta. Eu não estava mais com nenhum tipo de ansiedade porque eu fico muito entusiasmada quando vejo essas coisas.”

É interessante ver como a leitura e a relação com a literatura suspende, mesmo que por um momento, o medo de avião, tornando a viagem e toda a experiência mais leve, mesmo que por um momento.

A relação da literatura com as fases da vida também se fez muito presente nos relatos, desde se sentir representado na leitura até uma mudança concreta na vida a partir da literatura. Em uma das entrevistas, o entrevistado conta que, quando era mais novo, criou uma conta no twitter para falar sobre interesses com outras pessoas com gostos parecidos e que, através disso, conheceu muitas pessoas de vários lugares e fez várias amizades. O entrevistado conta que estudava em uma escola onde a sala do 6° ano tinha 15 pessoas com personalidades não tão distintas, por isso se sentia sozinho e isolado. O hábito da leitura ajudava, pois “lendo os livros e tudo mais, era uma coisa que eu ficava muito imersa naquilo e a história dos livros passava a ser muito mais a minha realidade do que a realidade em si”. A internet apresenta “uma diversidade de pessoas muito grande, com gostos que não tinha acesso na cidade onde morava” e, graças aos livros, conseguiu expandir seu ciclo de amizades.

> Encontrar essas pessoas por meio de comunidades na internet “tinha sido uma coisa que me trouxe uma sensação muito grande de esperança. De que, então, eu não estou sozinha no mundo. Tem como eu não estar sozinha, tem como eu encontrar essas pessoas. Isso me permitiu sonhar com um futuro possível, onde eu tivesse amigos que me entendessem e que fossem parecidos comigo. Onde eu tivesse uma rotina, um trabalho, qualquer coisa assim que refletissem como eu sou e como eu gostaria de viver, sabe? [...] Por que eu acho que se não fosse por isso, era muito possível de em algum momento eu passasse a pensar que [cidade] era tudo

> que existia” Os livros e o encontro com uma comunidade de pessoas com gostos parecidos “permitiu que eu visse que isso [uma vida diferente] era uma possibilidade”

Em uma relação visceral com a literatura, a mesma entrevistada conta de outras experiências:

> “[Os sete maridos de] Evelyn Hugo eu não tive coragem de terminar. [...] O livro é muito bom. Eu li o livro, assim, conforme chegou na metade eu tava lendo o livro em parcelas muito pequenas por que eu não queria que o livro acabasse e aí chegou num ponto onde eu falei assim ‘não posso terminar esse livro’, e aí eu não terminei de ler. [...] Minha mãe veio pra cá no final do ano e ela engoliu o livro, e aí ela me contou o final, e eu chorei com ela me contando o final. [...] Eu tenho um pouco essa tendência. Se for uma série ou um livro que está inacabado eu consigo terminar de ler de boa, porque eu sei que vai ter mais livro depois. Agora, se eu sei que é o final, eu fico com medo de terminar”

Ao falar sobre literatura e fases da vida, um dos entrevistados fala sobre seu livro preferido mais recente, a tetralogia “A Amiga Genial” de Elena Ferrante, e como esse se alia a suas experiências e gostos:

> “Pude ver tanto de um ponto de vista do livro da infância e da adolescência, que são lugares que eu já passei, já estive no corpo de uma criança e de uma adolescente. E, por mais que seja um romance histórico e que se passa em Nápoles, são meninas italianas, mas ainda assim são meninas com experiências humanas como qualquer outra menina. E, eu comecei a ler, eu tinha acabado de me mudar para [cidade] para fazer faculdade. Então eu acho que foi muito interessante por esse sentido também, a questão da criação da independência delas no livro.”

Com isso podemos ver a forma como a literatura também é utilizada para refletir sobre as fases da vida e pensar nossas escolhas, como evidencia o relato a seguir.

> “Quando eu era criança eu não conseguia me dar muito bem com os outros meninos. Porque eu nunca fui muito de carrinho e futebol. Então eu acabava brincando muito mais com as meninas porque tinha uma história. Então eu acho que, talvez, buscar esse negócio de ter uma história e seguir uma história seja uma coisa que tá sempre presente nas coisas que eu vou atrás. Então agora no mestrado eu to pesquisando a questão de metodologia, e como é que metodologia é usada no desenho industrial e na arquitetura, e quais são os pontos das metodologias que são usadas que se encontram e se afastam, e de que maneira esses pontos onde elas se encontram pode potencializar a prática dos dois. E de certa maneira, tu tentar entender porque a pessoa ta fazendo as coisas do jeito que ela tá fazendo é encontrar uma história. Então eu acho que tá tudo meio que interligado.”

Nesse caso, a experiência em muito se assemelha ao atual trabalho, onde a trajetória de uma vida se encontra com a literatura e faz disso caminho para a pesquisa.

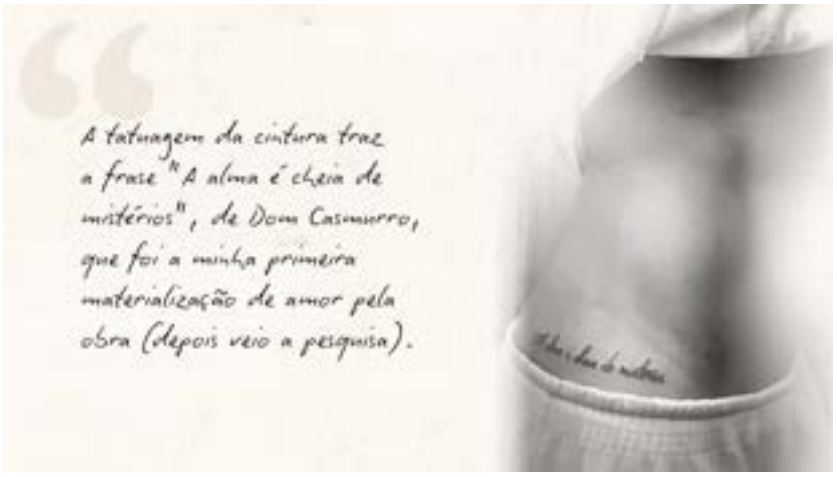


Figura 16: *A alma é cheia de mistérios*
Fonte: formulário

Foi impactante presenciar a emoção demonstrada pelo entrevistado ao contar um livro que muito o tocou, chegando a lacrimejar ao contar a experiência:

> "quando eles já estão na cidade do Rhysand e a Feyre fala 'nossa vai ser aqui mesmo que eu vou ficar e aí eu vou ter meu ateliê de pintura, onde eu vou ensinar às pessoas'. Aquilo me mexeu muito. Foi um momento que eu lembro de estar lendo e me pegar forte"

Com esse e outros exemplos, estamos falando de afetos que se desdobram do mundo possível ficcional do livro para a realidade, capaz de trazer emoção às pessoas em diferentes temporalidades.

Outros relatos nos ajudam a entender a relação de vivência e experiência literária, observando uma relação onde a obra extrapola o momento da leitura em si e afeta a vida do leitor em seu cotidiano de forma não intencional, se aproximando do que a pesquisa trabalha como experiência literária.

> "No momento em que eu estava lendo o livro, eu estava ali vendo o livro como se fosse um filme dentro da minha cabeça. Mas quando eu fechava o livro e ia fazer outras coisas, eu passava 100% do tempo pensando na história do livro, nos personagens, no que vai acontecer depois, o que eu quero que aconteça depois, o que eu não quero que aconteça depois, teorizando sobre as coisas [...]. Então, eu passava 100% do meu tempo falando sobre isso, pensando sobre isso."

Dentro dessa relação de vivência e experiência literária, os relatos trazem ainda a perspectiva de lugaridades literárias a partir do contato com a obra, onde até os sentidos são acionados pela imaginação na construção imaginária dos lugares literários narrados na obra.

> "Durante a leitura, eu realmente me sentia lá; conseguia fechar os olhos e imaginar cada detalhe, até o cheiro do lugar. A forma como ela é retratada,

> de ser um lugar acolhedor, as três montanhas com as estrelas... parece que a gente vive ali dentro."

Ao ser perguntado sobre sua resposta ao formulário sobre sentir que os livros o fazem viajar sem sair de casa, um dos entrevistados disserta sobre essa relação.

> "Eu acho que é aquela questão que o pessoal do desenho industrial e da arquitetura comenta da sensação estética, que vai falar questão de fratura temporal, que você está vivendo sua vida e daí você vai viver a sensação estética e parece que você sai do chão e naquele momento você está vivendo aquilo. É muito a sensação que eu tinha. Eu lembro até hoje de eu estar viajando e eu tava lendo o Hobbit, eu comecei a ler e veio aquela cena, e eu conseguia ver perfeitamente a cena na minha cabeça e quando eu vi eu já tava chegando em casa. É como se eu tivesse lendo, mas estivesse enxergando perfeitamente o que eu estava lendo."

Tal sensação estética trata-se do sentimento de prazer subjetivo experienciado a partir dos sentidos e também de um fundo emocional, que se pode ter a partir do contato com a beleza natural ou da arte.

Sobre as formas de se relacionar com os lugares e paisagens da obra, um dos entrevistados dá o exemplo de Senhor dos Anéis:

> "A sensação que eu tenho lendo Senhor dos Anéis é a sensação que tu tá andando de ônibus olhando a paisagem. Por que eles vão contando a história e você vai lendo e ele fala 'ah, lá é tal coisa, é o monumento de não sei o que', e passa. E aí tu fica 'tá mas a gente não vai parar ali?' e ele 'não', e a história segue."

Dentro da questão de experiência literária, um relato muito forte que nos ajuda a pensar nas formas que a literatura podem se fazer presentes em nossa vida para além do ato da própria leitura foi o seguinte:

> "Tive um período em que li muito romance histórico sobre as grandes guerras mundiais e sonhava muuuito com bombardeios e destruição da cidade em que moro, e quando eu saia na rua lembrava do sonho. As distopias me deixam em estado de alerta. Fico tensa. Precisei diminuir este tipo de leitura."

E por fim, indo ao encontro da epígrafe que abre o trabalho, as tatuagens também se fazem presentes no material recebido pelo trabalho. Mais do que imagens de tatuagens, também nos confiaram histórias sobre as relações e significados dessas tatuagens, como veremos a seguir:

> "Sempre quis fazer uma tatuagem de Percy Jackson por ser uma coisa tão grande na minha vida, uma coisa tão formativa, tão divisor de antes e depois de ter contato com isso." Tatuagem da arma do Percy como símbolo de vivência com a obra. "O fato da contracorrente, da espada do Percy, ser uma arma que não importa se ele derrubar, se ele perder vai sempre voltar pro bolso dele, ele sempre vai pegar ela de volta, que não é uma coisa que é possível de perder, pra mim tem sentido, sabe? Eu acho que é uma coisa

> legal de se lembrar, de que não importa o que aconteça, não importa onde eu esteja, do que ou de quem eu esteja cercado, eu não vou perder isso em mim, não vou perder esse senso sa minha vida em geral e tudo que eu ganhei a partir daquilo.”

A ideia de um elemento da obra romper a barreira das páginas e se presentificar de forma permanente no corpo de alguém, dotada de um novo significado que agora diz não só da obra, mas da vida, é algo que desde o primeiro momento movimenta esse trabalho ao ver a literatura como algo que vai além das palavras e da obra em si.

> “Eu fiz com a minha irmã, ela tem o mesmo desenho no mesmo lugar do mesmo braço. E eu acho que a gente escolheu justamente [...] por essa coisa da minha mãe que sempre teve quase essa obrigatoriedade de ler para a gente O Pequeno Príncipe e passar para a gente a mensagem de O Pequeno Príncipe. Porque ela sempre acreditou que é um livro para ser lido em qualquer idade, tanto que a gente lê todo ano praticamente, e ele é interpretado de diferentes formas a cada ano que a gente lê. E a gente escolheu fazer, eu principalmente, escolhi fazer nessa data de 18 anos porque O Pequeno Príncipe tem uma coisa para mim que é justamente por ele poder ser interpretado de diferentes maneiras em diferentes fases da vida que é não perder a essência de um olhar infantil do mundo. E daí como eu estava fazendo 18 anos e eu sabia que ia mudar de cidade e tava naquela coisa de que ‘agora sou oficialmente adulta’, foi importante para ser uma forma de nunca deixar de ver o mundo com um olhar de criança.”



Figura 17: Tatuagens
Fonte: formulário

Ao comentar sobre a importância e como ela vê a literatura em sua vida, a entrevistada relata:

> “Quando você está sozinho, nada mais você tem do que o mundo que você está enxergando e experienciando ali. E, a partir do momento que você tem uma carga literária, cinematográfica e artística prévia, o que você está vendo é muito diferente do que uma pessoa que não conhece um livro, ou que não conhece uma imagem, vai ter da coisa. Então eu acho que para mim é essencial que eu tenha essa relação com os livros e com a arte em geral, justamente para ter uma experiência mais agradável terrenamente, e que não seja só viver um dia após o outro.”

Todos esses relatos e histórias trazem sentido ao trabalho, ao mostrar na prática aquilo que aqui discutimos teórico e conceitualmente. Novamente, a intenção não é destrinchar as falas e comentar como cada relato se encaixa e traz veracidade às coisas aqui teoricamente discutidas. Receber os relatos da forma que as pessoas confiaram a nós e refletir a partir deles já tendo a base teórica trabalhada aqui é a verdadeira riqueza e contribuição do trabalho. Não na tentativa de comprovar algo, mas trabalhando na sensibilidade ao receber e acolher aquilo que foi dito, e não aquilo que a palavra do outro poderia significar.

A contribuição desse capítulo, para além de ilustrar aquilo que foi teoricamente discutido, é pensar a partir das bases teóricas a ideia de um Lugar Geopsíquico Literário, entendendo todas as questões que formam o Lugar Geopsíquico, como já discutido, mas juntando as particularidades trazidas pela literatura nessa relação, como vimos aqui. Não é a intenção do trabalho trazer e formular um novo conceito, mas plantar a semente para se pensar essa relação.

4. *Mas foi isso o que eu vim de tão longe para achar:* considerações e encaminhamentos

> *É o verão que se encerra, o calor das noites de retorno ao percurso, os apartamentos à espera, a vida que segue seu curso.*
>
> **Água fresca para as flores**, Valérie Perrin (2022, pos. ?).

Mais do que uma conclusão, este capítulo pretende se debruçar sobre aquilo que a pesquisa não foi. Não como uma justificativa, mas como forma de direcionar questões que surgiram ao longo do processo que culminou na escrita do trabalho e que, por diversos motivos, não conseguiram ser trabalhadas ou respondidas.

Em um processo natural de pesquisa, o trabalho passou por diversas alterações e mudanças que não alteraram a proposta principal: entender como, por meio dos leitores e através do ato da leitura, a história da obra passa a ter correspondência como coisa no mundo para além do livro. Num primeiro momento, a intenção era trabalhar com as transposições, como parque temáticos, entendendo que esses seriam o auge de uma correspondência da obra no mundo factual. Entretanto, a cada nova leitura buscando formar o referencial teórico, uma coisa era percebida: como trabalhar com tais transposições que se dão por meio de um processo de apropriação do capital do afeto dos leitores sem antes entender de onde vem e como funciona esse afeto?

Foi nesse momento que percebi que meu trabalho não seria construir uma pesquisa com base em referências, mas sim construir uma base teórica para entender, não aquilo que inicialmente me movimentou, mas o que estava implícito no trajeto até então, o afeto do leitor e como esse afeto transforma e é transformado a partir da leitura.

Nessa trajetória, em muitos momentos me perguntei “onde está a geografia no meu trabalho?”. Tive a constante preocupação de perder a geografia de vista ao me debruçar sobre as questões do sujeito e da literatura. Foi nesse movimento que um dos maiores ganhos da pesquisa surgiu, ao entender o debate geográfico implícito (e explícito) ao tratar das experiências que se desdobram a partir do contato com a literatura, focando sempre na leitura como intermediária. Isso mostra como o

debate espacial, que perpassa pela forma de ser, estar e na forma como nos relacionamos com o mundo, pode ser encontrado em debates que, inicialmente, pareciam caber a outras ciências.

Esse capítulo também possui uma função muito importante ao ir além do objeto da pesquisa propriamente dito e se dedicar ao processo de construção da pesquisa, mostrando preocupações, pensamentos e escolhas que aconteceram mas que não se mostram explicitamente na pesquisa. Isso se faz importante a partir da crença de que o produto final de um mestrado não é apenas a dissertação, mas todo o caminho percorrido com o objeto e a forma como se relaciona com ele, mostrando como vida(s) e pesquisa se entrelaçam de tal maneira que a própria dissertação não dá conta de mostrar.

Minha relação com a literatura agora está marcada por esse trabalho e pelos encontros que ele possibilitou. Isso em um formato mais objetivo de pesquisa não vem ao caso, mas aqui acredita-se que as transformações na vida do pesquisador também fazem parte dos resultados da pesquisa. A intenção deste capítulo não é adentrar profundamente nessas questões, mas pontuá-las.

Outra questão a ser aqui pontuada é que caminhos esse trabalho abre. Vendo o trabalho como, entre outras coisas, um esforço para construir um referencial teórico que trate da área da geografia literária a partir de uma perspectiva do leitor, não apenas como sujeito da pesquisa, mas como sujeito de potencial geográfico a partir das suas vivências com a literatura, uma das perspectivas é uma pesquisa mais direcionada onde, já entendendo as formas como o vínculo entre leitor e obra se estabelece e afeta a vida e o mundo, é possível reunir esforços para entender onde podemos observar tal relação de forma menos subjetiva do que a que foi aqui trabalhada.

Esse capítulo poderia iniciar uma nova pesquisa, mesmo com a intenção de finalizar uma. A intenção era reunir as provocações, dúvidas e decisões que permeiam 2 anos de pesquisa e que podem abrir muito mais. Um desejo de que a pesquisa continue. Senão comigo, que com outros. E que esses outros encontrem nesse capítulo de encerramento, bem como em todos os outros, caminhos a serem percorridos para ampliar aquilo que aqui se inicia.

Referências

ALVES, I. Em torno da paisagem: Literatura e Geografia em diálogo interdisciplinar. **Revista da Anpoll**, *[S. l.]*, v. 1, n. 35, p. 181-202, 2013.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas I). 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas III). 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3ª ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRAZ, L. M. S. Memória e experiência: um tecer de traços e impressões. **Psicanálise & Barroco em revista** v. 14, n. 1: jul. 2016.

BUZZATI, D. **O deserto dos tártaros**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012.

CAUQUELIN, A. No **Ângulo dos Mundos Possíveis**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CLAUDINO, G. S. Vasto Mundo: Horizontes da Teoria Social e dos Mundos Possíveis nas confluências do Pensamento Geográfico. In SPOSITO, E. S.; CLAUDINO, G. S. (Orgs). **Teorias na Geografia III**: Mundos Possíveis. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2023.

COUTINHO, A. A especificidade da memória em psicanálise (The specificity of memory in psychoanalysis). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 59–74, 2013. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/1211. Acesso em: 9 jul. 2026.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DECULTOT, E. Dichtung. In: **Dictionary of untranslatables:** a philosophical lexicon. Princeton: Princeton University Press, 2014.

DIAS, J. M. T. **Lugar Geopsíquico:** onde a Psicanálise e a Geografia se encontram. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2022.

FULGENCIO, L. A noção de trauma em Freud e Winnicott. Natureza Humana. In **Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 255–270, 2004.

JACKSON, S. **A assombração da Casa da Colina**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

LIMA, J. G.; BAPTISTA, L. A. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. In **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 20, n. 33, p.

449–484, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/7526. Acesso em: 5 jun. 2025.

MALTA, G. A. P.; FOIS-BRAGA, H. Estudo da paisagem literária da Juiz De Fora (MG) do início do século XX: A Idade Do Serrote, de Murilo Mendes. **Revista de Geografia**. Recife: v. 38, n. 2, 2021.

MANDEL, E. S. J. **Mar da Tranquilidade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2025. EPUB.

MARANDOLA JR, E. J. Geograficidade e espacialidade na literatura. *In*: **Geografia**, 34(3), 487-508, 2009.

MARANDOLA JR., E. J. Lugar e lugaridade. In: Mercator, Fortaleza, v.19 , e19008, 2020.

MARTINS, R.; VORSATZ, I. Os primórdios da psicanálise e a construção da noção de fantasia. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, v. 40, n. 39 jul/dez, p. 251-272, 28 nov. 2018.

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NÓR, S. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 32, p. 119-127, 2013.

PADUA, L. C. T. **A geografia de Yi-Fu Tuan:** essências e persistências. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-09122013-114313. Acesso em: 2026-07-25.

PATRÍCIO, A. J. C. **Geografia, Literatura, Arte e Vida**: vidas em geografias e vidas em literatura que se encontram na casa da colina. 2023. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Geociências, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

PEREIRA, A. T. **A realidade psíquica segundo Sigmund Freud e suas implicações no tratamento psicanalítico**. 2023. 79 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

PERRIN, V. **Água fresca para as flores.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2018.

RIORDAN, R. **O ladrão de raios.** Trad. Ricardo Gouveia. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009. (Percy Jackson e Os Olimpianos, I).

SARTRE, J. P. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2019.

TUAN, YI-FU. Place: An Experiential Perspective. In **Geographical Review**, v. 65, n. 2, p. 151-165, Abril 1975.

ANEXO I – FORMULÁRIO

Olá! Meu nome é Ana Júlia Coelho, sou aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGEO/UFJF), sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Malta, com a pesquisa intitulada:

EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS EM MUNDOS POSSÍVEIS FICCIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS GEOGRÁFICOS

Te convido a preencher esse formulário, que tem o propósito de levantar dados a respeito da temática e recrutar pessoas para entrevistas a serem realizadas dentro da pesquisa. As entrevistas se darão de forma online pela plataforma Google Meet, sendo assim, pessoas de todos os lugares do Brasil podem participar.

A pesquisa em questão busca investigar as relações que se estabelecem entre o mundo da obra e o mundo do leitor a partir do ato de leitura e o afeto desenvolvido e, como o próprio nome já diz, seus desdobramentos geográficos. Como foco principal, a pesquisa trabalha com romances de fantasia e ficção como Harry Potter, Senhor dos Anéis, Crônicas de Gelo e Fogo e afins.

Salientamos que apenas maiores de 18 anos poderão participar das entrevistas e que o recrutamento para as mesmas dependerá, além da disposição daqueles que preencherem o formulário, do cumprimento das demais etapas. As entrevistas se darão de forma individual e online pela plataforma Google Meet.

Sobre as etapas

Na primeira etapa, será solicitado que você nos envie fotografia(s) de objetos, momentos, viagens, tatuagens, coleções, etc. que tenha relação com alguma obra literária + um texto curto explicando essa imagem. Se quiser, pode mandar uma arte autoral dentro da temática, não necessariamente feita para esta ocasião.

Na segunda etapa, será solicitado que você escreva um texto contando, com as suas palavras, alguma memória literária que você tenha. Pode ser sobre um momento em que você estava lendo e algo aconteceu que ficou em sua mente, algo que você leu em um livro que reverberou em sua vida, contando sua passagem preferida em um livro... O que vier a sua cabeça que tenha você e um livro fazendo parte!

A análise das respostas fornecidas a este formulário + os produtos das duas etapas é que nos ajudarão a decidir quem serão os selecionados para as entrevistas. Você pode desistir da sua participação a qualquer momento, independente da etapa.

As informações aqui compartilhadas serão utilizadas na pesquisa sem que seja possível qualquer tipo de identificação, ou seja, ninguém vai saber que foi você que mandou.

Para mais informações ou em caso de dúvidas, entre em contato através do email ana.julia@estudante.ufjf.br

1. Em relação às informações apresentadas na descrição desse formulário:

Marcar apenas uma opção.

☐ Confirmo que li, estou ciente e autorizo o uso das informações para fins de pesquisa.

2. Nome:

---

3. Idade:

---

4. Como você se identifica?

☐ Homem
☐ Mulher
☐ Não-binário
☐ Outro: _____

5. Estilos literários preferidos:

Marque todas que se aplicam.

☐ Ficção científica
☐ Ficção histórica
☐ Suspense policial
☐ Suspense psicológico
☐ Fantasia
☐ Horror/Terror
☐ Distopia
☐ Não ficção
☐ Outro: _____

6. Dentro do gênero da ficção/fantasia, quais são seus livros preferidos? Fale um pouco sobre o que você mais gosta sobre eles.

---

7. Relembrando o que foi dito na descrição desse formulário, a próxima etapa consiste em enviar fotografia(s) de objetos, momentos, viagens, tatuagens, coleções, etc. que tenha relação com alguma obra literária + um texto curto explicando essa(s) imagem(ns). Você aceita participar da próxima etapa? Apenas maiores de 18 anos.

☐ Sim
☐ Não

(Caso respostas 7 fosse sim) Obrigada por aceitar continuar com as próximas etapas da pesquisa, sua contribuição é muito importante! Favor informar seu e-mail ou telefone para contato caso você aceite ser entrevistado. Se possível, informe os dois. Meu e-mail é ana.julia@estudante.ufjf.br caso você queira tirar alguma dúvida.

8. Por onde você prefere que entremos em contato?

☐ Email
☐ WhatsApp
☐ Não quero participar da entrevista

9. E-mail para contato:

---

10. Telefone para contato:
Inclua o DDD + número

---

11. Mande até 5 fotografias de objetos, momentos, viagens, tatuagens, coleções, etc. que você tem e que se relacionam com alguma obra literária. Se quiser, pode mandar uma arte autoral dentro da temática, não necessariamente feita para esta ocasião.

---

12. Conte um pouco sobre a(s) imagem(ns) que você está nos enviando.

---

13. Agora escreva um texto contando, com as suas palavras, alguma memória literária que você tenha. Pode ser sobre um momento em que você estava lendo e algo aconteceu que ficou em sua mente, algo que você leu em um livro que reverberou em sua vida, contando sua passagem preferida em um livro... O que vier a sua cabeça que tenha você e um livro fazendo parte!

---

14. Obrigada por participar até aqui! Deixe seu comentário ou sugestão.
